



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

LUIZ COUTO CORRÊA PINTO FILHO

**IMPERIALISMO: O subdesenvolvimento da América Latina e o papel da
burguesia latinoamericana**

Florianópolis, 2009



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO - ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

IMPERIALISMO: O subdesenvolvimento da América Latina e o papel da
burguesia latinoamericana.

Monografia submetida ao Departamento de Ciências Econômicas para obtenção
de carga horária da disciplina CNM 5420 – Monografia.

Por: Luiz Couto Corrêa Pinto Filho

Orientador: Prof. Dr. Nildo Domingos Ouriques

Área de Pesquisa: Economia da América Latina

Palavras – Chave: 1. Imperialismo

2. América Latina

3. Dependência

Florianópolis, 2009



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO - ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

IMPERIALISMO: O subdesenvolvimento da América Latina e o papel da
burguesia latinoamericana.

A Banca Examinadora resolveu atribuir nota _____ ao aluno Luiz Couto Corrêa Pinto Filho (matrícula 04107276) na disciplina CNM 5420 – Monografia, pela apresentação deste trabalho.

Banca Examinadora:

Nildo Domingos Ouriques .
Presidente .

Eraldo Sergio Barbosa da Silva .
Membro .

Fernando Corrêa Prado .
Membro .

Toda ciência seria supérflua se a forma fenomênica e a essência coincidissem diretamente.

(Karl Marx)

RESUMO

FILHO, Luiz Couto Corrêa Pinto. **Imperialismo:** o subdesenvolvimento da América Latina e o papel da burguesia latinoamericana. Florianópolis, 2009. 64 f. Monografia (Graduação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio-Econômico.

O objetivo deste trabalho é contribuir para a compreensão dos efeitos do imperialismo nos países da periferia do capitalismo, principalmente da América Latina, e identificar as relações desse imperialismo com o subdesenvolvimento da região. Para tanto será utilizado o método dialético que consiste no estudo dos fenômenos – no caso deste trabalho, econômicos, sociais e políticos – para se chegar à compreensão do todo, a uma verdade.

Através da discussão teórica do imperialismo realizada por Hobson e posteriormente por Lênin, serão apresentadas as origens do imperialismo, de que forma o sistema capitalista evoluiu no imperialismo, as consequências dessa evolução para as nações desenvolvidas e em que partes dessas sociedades se acumulam os ganhos obtidos.

A repercussão do imperialismo na periferia do capitalismo, principalmente na América Latina, fica a cargo de autores como Marini, Gunder Frank e Luis Vitale. Serão mostradas, através da análise dos trabalhos desses autores, as consequências das interferências imperialistas para os países latinoamericanos, o papel das burguesias locais no desenvolvimento do imperialismo na região, a forma com que o enriquecimento dos países centrais, através de práticas imperialistas, implica, diretamente, no subdesenvolvimento e na conseqüente pobreza dos povos latinoamericanos, que são condenados a um ciclo de miséria do qual não conseguem sair.

Palavras – Chave: Imperialismo, América Latina, Dependência.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
1.1. Tema e Problema	6
1.2. Objetivos.....	6
1.2.1. Objetivo Geral	6
1.2.2. Objetivo Específico	7
1.3. Justificativa	7
1.4. Metodologia.....	7
2. IMPERIALISMO.....	10
2.1. Imperialismo Segundo Hobson.....	12
2.1.1. O Novo Imperialismo	14
2.1.2. Aspectos Políticos e Científicos do Imperialismo	18
2.2. Imperialismo segundo Lênin.....	20
2.2.1. Raízes do Imperialismo	21
2.2.2. Imperialismo: Fase Superior do Capitalismo.....	23
2.3. Imperialismo: conclusão parcial.....	24
3. SUBDESENVOLVIMENTO E DEPENDÊNCIA: O PAPEL DAS BURGUESIAS NACIONAIS	28
3.1. Marini – Dialética da dependência.....	28
3.1.1. A Burguesia Latinoamericana e a Dependência	29
3.2. Gunder Frank – Desenvolvimento do Subdesenvolvimento Latinoamericano	32
3.2.1. Desenvolvimento do Subdesenvolvimento.....	32
3.2.2. A origem da estrutura metrópole-satélite e do capitalismo na América Latina	34
3.3. Conclusão parcial.....	35
4. A BURGUESIA LATINOAMERICANA	37
4.1. A Burguesia chilena e o imperialismo no Chile.....	37
4.1.1. O desenvolvimento das relações imperialistas no Chile.....	38
4.1.2. A satelitização do Chile	44
4.2. A Burguesia brasileira e o imperialismo no Brasil	50
4.2.1. O desenvolvimento das relações capitalistas no Brasil segundo Gunder Frank	51
4.2.2. O capitalismo tardio no Brasil: A interpretação de João Manuel	56
4.3. Conclusão parcial.....	60
5. CONCLUSÃO.....	62
REFERÊNCIAS.....	65

1. INTRODUÇÃO

1.1. Tema e Problema

A América Latina é uma região subdesenvolvida que passa uma série de crises sociais. Acredita-se que uma das principais razões para essa situação jaz no fato de ser ela área de influência do imperialismo das nações capitalistas hegemônicas. Mostrar-se-á, nas páginas a seguir, que é justamente pelo exercício dessa influência através de estratégias políticas, econômicas e militares imperialistas que as nações desenvolvidas exploram a riqueza dos países subdesenvolvidos, permitindo o alto padrão de vida de sua população e promovendo o subdesenvolvimento daquelas outras.

O imperialismo está nas práticas políticas e econômicas dos países desenvolvidos. Algumas delas, mais conhecidas e evidentes, serão explicitadas no decorrer do texto, outras mais sutis e menos evidentes, são os objetos de estudo desse trabalho. A identificação de como ele determina a vida política e econômica da periferia do capitalismo é de vital importância para a compreensão do subdesenvolvimento latinoamericano e para a resistência dessas nações a tais estratégias.

Será traçada uma trajetória histórica do imperialismo, suas interpretações e consequências até a sua consolidação como tendência mundial das nações desenvolvidas, os meios utilizados para consagrar tal posição e o significado disso para o mundo e principalmente para a América Latina.

1.2. Objetivos

1.2.1. Objetivo Geral

Este trabalho tem como objetivo central contribuir para a compreensão do subdesenvolvimento latinoamericano através do estudo da influência do imperialismo na região.

1.2.2. Objetivo Específico

- Identificar o papel das burguesias nacionais no subdesenvolvimento latinoamericano;
- Perceber as formas de resistência dos países e dos povos ao imperialismo;
- Analisar as conseqüências desse imperialismo para as economias e para as sociedades latinoamericanas.

1.3. Justificativa

As estratégias imperialistas de todas as nações hegemônicas afetam praticamente todos os países periféricos, seja devido ao seu maior poder de barganha nos organismos internacionais, seja através das trocas desiguais, seja por poder se valer de seu poderio econômico, político e militar para impor sua vontade em determinadas regiões.

Estudar e compreender as formas com que o imperialismo atua na América Latina é de vital importância para entender as desigualdades na região, as rivalidades internas e externas, as ditaduras históricas, o processo de subdesenvolvimento e dependência e a estagnação da região que se vê praticamente sem alternativa para solucionar seus problemas sociais e econômicos.

Portanto, os objetivos desse trabalho são identificar as diferentes formas de atuação, do imperialismo na América Latina, as formas de resistência a essas estratégias, a subsequente retaliação a essas resistências e suas conseqüências para as economias e para os povos latinoamericanos.

1.4. Metodologia

Neste estudo será utilizado o método dialético, que consiste no “pensamento crítico que se propõe a compreender a ‘coisa em si’ e sistematicamente se pergunta como é possível chegar à compreensão da realidade. Por isso, é o oposto da sistematização doutrinária ou da

romantização das representações comuns”¹. No entanto, para se compreender a “coisa em si” é necessário fazer um desvio, deve-se distinguir entre a coisa e o seu conceito para que se possa não “apenas distinguir duas formas e dois graus da de ‘conhecimento’ da realidade, mas especialmente e sobretudo duas qualidades da *práxis* humana”². A realidade, portanto, aparece ao homem sobre duas formas: uma de forma mais direta, interagindo com ela, raciocinando, vivenciando ela dia-a-dia; a outra de forma mais abstrata, inquirindo seu funcionamento, questionando, colocando-se a parte dela para chegar à sua compreensão.

Essas duas qualidades da *práxis* humana, o choque entre a realidade e a sua percepção fenomênica, muitas vezes, opõem a “coisa” à sua essência. Em alguns casos a percepção do fenômeno pode levar a um conceito errôneo da “coisa” e, por conseguinte, uma compreensão errônea da “coisa em si”. A essa naturalidade com que os fenômenos se misturam ao cotidiano da vida humana, KOSIK (1976) denominou “mundo da *pseudoconcreticidade*”.

O mundo da pseudoconcreticidade é um claro-escuro de verdade e engano. Seu elemento próprio é o duplo sentido. O fenômeno indica a essência e ao mesmo tempo a esconde. A essência se manifesta no fenômeno, mas só de modo inadequado, parcial, ou apenas sob certos ângulos e aspectos. O fenômeno indica algo que não é ele mesmo e vive apenas graças ao seu contrário. A essência não se dá imediatamente; é mediata ao fenômeno e, portanto, se manifesta em algo diferente daquilo que é. A essência se manifesta no fenômeno.³

Por isso a busca da verdade é necessária, pois ela não se manifesta em si, ela não é perceptível à primeira vista, sua essência é oculta; sua manifestação é um fenômeno, aquilo que se consegue perceber, que se “manifesta imediatamente, primeiro e com maior frequência”⁴, uma percepção da realidade, mas diferente dela. Para se chegar à realidade, à essência da coisa, deve-se estudar o fenômeno, conhecer-lhe a estrutura.

A característica precípua do conhecimento consiste na decomposição do todo. A dialética não atinge o pensamento de fora para dentro, nem de imediato, nem tampouco constitui uma de suas qualidades; o conhecimento é que é a própria dialética em uma das suas formas; o conhecimento é a decomposição do todo. O “conceito” e a “abstração”, em uma concepção dialética, têm o significado de método que decompõe o todo para poder reproduzir espiritualmente a coisa, e, portanto, compreender a coisa⁵.

¹ KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 2a ed Rio de Janeiro: Paz e terra, 1976. 230p. Pág. 15.

² *Ibidem.*, p. 9.

³ *Ibidem.*, p. 11.

⁴ *Ibidem.*, p. 12.

⁵ *Ibidem.*, p. 14.

A escolha do método dialético se deve, sobre tudo, ao objetivo desse trabalho, a saber, explicar o subdesenvolvimento latinoamericano sob perspectiva do conflito social oriundo do choque entre os interesses imperialistas e os interesses das nações soberanas dependentes. É a partir da utilização do método dialético que se pretende confrontar as diferentes perspectivas do imperialismo na América Latina na tentativa de se chegar a uma verdade.

2. IMPERIALISMO

O imperialismo pode ser entendido como a interferência direta das nações hegemônicas no desenvolvimento político e econômico das periféricas. Para atingir esse objetivo, as nações imperialistas precisam legitimar essa interferência, tornar a dominação aceitável, necessária. Não é preciso que a superioridade de um estado sobre o outro seja absoluta. É possível aceitar certas limitações, desde que essas limitações não sejam em áreas essenciais ao desenvolvimento da hegemonia da nação imperialista. Em alguns casos é bom abdicar um pouco de suas vantagens imediatas para alcançar interesses mais relevantes no futuro.

Foi justamente a situação de hegemonia americana no pós-guerra que levou o governo americano a permitir ao Japão o exercício de uma política comercial protecionista e de uma política de investimentos que discriminava o capital americano. Essa leniência americana permitiu ao Japão chegar a construir uma das três maiores potências econômicas e tecnológicas do mundo, hoje concorrente dos Estados Unidos e com o qual tem conflitos econômicos notáveis. Os Estados Unidos permitiram tais políticas e, para ajudá-las, até mesmo abriram com a generosidade possível a uma potência hegemônica, seu mercado durante décadas aos produtos japoneses, com o triplice objetivo de criar uma vitrine de prosperidade capitalista para a China, que se tornara comunista em 1949; de criar uma plataforma de abastecimento industrial-militar para suas forças na guerra da Coreia, entre 1950 e 1954 e, finalmente, para criar condições econômicas que enfraquecessem o poderoso movimento sindical socialista japonês.⁶

Com o intuito de legitimar sua hegemonia, as nações imperialistas precisam que os líderes dos povos a serem dominados sejam coniventes com seus objetivos. Para tanto, entra em cena a formação, nesses países, de “elites e de quadros simpáticos e admiradores das estruturas hegemônicas de poder”⁷. Estes países se utilizam além da divulgação de seu modo de vida através dos meios de comunicação, de programas de difusão cultural e de bolsas de estudos de graduação, mestrado e doutorado, para formar nos países centrais as mentes que irão dirigir aqueles países periféricos. Dessa forma esses indivíduos desenvolvem sentimentos de simpatia em relação ao estilo de vida das nações hegemônicas e se tornam figuras essenciais na preservação do poder das hegemonias nos países periféricos.

Essa forma de legitimação no campo das idéias vem para justificar o seu desenvolvimento e sua posição hegemônica e para transferir aos países subdesenvolvidos a responsabilidade do

⁶ GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. **Quinhentos anos de periferia**: uma contribuição ao estudo da política internacional. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Rio de Janeiro: Contraponto, 1999. 166p., Pág. 26

⁷ *Ibidem.*, Pág.37.

próprio subdesenvolvimento. Eles afirmam que o capital utilizado em sua industrialização provinha de seus próprios cofres e recursos, quando na verdade ele fora expropriado das colônias e transferido para as metrópoles. Ao se referir a trabalhos de sociólogos dos países imperialistas, Frank diz:

*Ellos preguntan de dónde vino el capital para el desarrollo de los países ya desarrollados, y dicen que éste vino de ellos mismos; lo que es también falso, ya que una gran cantidad de este, y precisamente la parte más crítica del mismo, provino de los países consecuentemente subdesarrollados en la actualidad. Como sucede con la mayoría del universalismo de los países desarrollados, el universalismo teórico de su ciencia social es un pretexto y una farsa.*⁸

Além de trabalhos científicos, a dominação cultural é difundida de outras formas, como programas de televisão, cinema, teatro, jornal, ou até mesmo revistas em quadrinhos, como as do Tio Patinhas e do Pato Donald, revistas cujo público alvo são as crianças. É visível como, segundo Dorfman e Matellart, as crianças são educadas desde pequenas a ver o mundo e a pensar como adultos, desde pequenas elas já têm a linha de pensamento orientada pela nação hegemônica. Por exemplo,

se algum país estrangeiro se atreve a esboçar um conflito com os EUA, como o Vietnam ou o Caribe, estas nações são de imediato registradas como propriedade das histórias em quadrinhos, e suas lutas revolucionárias são banalizadas. Enquanto os *marines* passam os revolucionários pelas armas, Disney os passa por suas revistas. São duas formas de assassinato: pelo sangue e pela inocência⁹.

Os povos dos países periféricos são retratados como ignorantes e por consequência, submissos aos interesses estrangeiros. Se por algum motivo eles cogitam as ações das nações hegemônicas, devem rapidamente sofrer as consequências de sua rebeldia. “Os povos subdesenvolvidos são para Disney, então, como as crianças; devem ser tratados como tais e se não aceitam esta definição de seu ser, é preciso descer suas calças e lhes dar uma boa surra¹⁰”.

A bem dizer, a defesa moral do imperialismo se baseia na afirmação de que como consequência do controle político e econômico que os países centrais impõem aos países periféricos está se favorecendo à civilização como um todo.

Quando o controle ideológico não é suficiente, ou quando determinada nação periférica tenta contestar a posição hegemônica dos países centrais se opondo a esse controle, o

⁸ FRANK, Andre Gunder. *Capitalismo y subdesarrollo en America Latina*. 5. ed. Mexico: Siglo Veintiuno, 1978. 345p., Pág. 93.

⁹ DORFMAN, Ariel; MATLEART, Armand. **Para ler o Pato Donald**: comunicação de massa e colonialismo. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. 135p., Pág. 53.

¹⁰ *Ibidem.*, Pág. 54.

imperialismo se vale de sua força armada. A guerra, para Lênin, é uma ferramenta importante do imperialismo, pois, segundo ele, a partir dela, em tempos de paz, se observa a divisão dos Estados perdedores em áreas de influência. É a partir daí que se entendem os enormes gastos públicos com os militares, característicos das finanças imperialistas. Gastos que além de possuírem o objetivo estratégico da manutenção da guerra são fonte de lucros para determinados grupos econômicos bem organizados e influentes.

Foi o desenvolvimento do imperialismo europeu que impeliu aquelas nações à expansão ultramarina. Foi ele quem promoveu a colonização latinoamericana e quem determinou o modelo dessa colonização. Foi para satisfazer às necessidades de mercado, de matérias primas e de lucro das nações imperialistas que a América Latina foi colonizada e se desenvolveu em uma região essencialmente agroexportadora incapaz de fazer frente ao processo de dependência a ela outorgado.

Foram as relações imperialistas, as relações entre metrópole e colônia, ou como diz FRANK (1978), as relações metrópole-satélite, que determinaram o modelo de desenvolvimento do nosso continente. Modelo este que, em sua essência, perdura até os dias atuais. É para entender o presente à luz do passado que se deve estudar o imperialismo na América Latina desde sua formação.

2.1. Imperialismo Segundo Hobson

O primeiro pesquisador a formular uma teoria sobre o imperialismo moderno foi o professor J. A. Hobson¹¹. Hobson nasceu em uma família de classe média¹² no ano de 1858, na cidade de Derby, Inglaterra. Tornou-se professor em 1880 e durante sua carreira seus trabalhos foram dedicados a defender o liberalismo e os direitos humanos. Nas palavras de Lênin, Hobson foi um “*pacifista y social-reformista burgués*”¹³. Preocupado com fenômenos econômicos e sociais que afetassem o povo inglês, possuía ideais reformistas com vistas a solucionar o problema da pobreza e da má distribuição da riqueza. Escreveu ao longo de sua carreira, trinta e cinco livros. Seus primeiros livros tinham o objetivo de explicar aos

¹¹ John Atkinson Hobson.

¹² “‘Nací’, dice el propio Hobson, ‘en una familia perteneciente al estrato medio de la clase media, en una ciudad de tipo media, situada en las Tierras Medias [los Midlands] inglesas’”. HOBSON, J. A. *Estudio del Imperialismo*. Madrid: Alianza Editorial, 1981. 343p. Pág. 11.

¹³ LÊNIN *apud Ibidem.*, Pág. 9.

trabalhadores o funcionamento da sociedade industrial¹⁴ que se desenvolvia. O estudo de sua obra “*Estudio del Imperialismo*”¹⁵ é de vital importância para compreender o imperialismo moderno e serviu como base para os trabalhos de futuros estudiosos do imperialismo como Lênin. Para compreendermos melhor o conceito de imperialismo de Hobson, devemos ter em conta seus termos mais próximos: nacionalismo, internacionalismo e colonialismo.

Segundo Hobson, uma nação existe quando um grupo de pessoas está unido “*por lazos de solidaridad y empatía que no se dan entre ellos y personas de otros grupos*”¹⁶. Ao se utilizar esse sentimento de solidariedade entre as pessoas para anexar outros territórios, próximos ou distantes, contra a vontade das populações locais é quando, para Hobson, se perde o verdadeiro nacionalismo e entra em cena o que ele chamou de colonialismo ilegítimo. O colonialismo genuíno, consistiria na “*migración de parte de los miembros de una nación a tierras extranjeras vacías o escasamente pobladas, y los emigrantes conservan los plenos derechos ciudadanos que disfrutaban en la metrópoli*”¹⁷. No entanto, o que se verifica ao longo da trajetória do imperialismo europeu é justamente o contrário. A maioria das colônias, inclusive das colônias britânicas, se mantém nacionalmente distantes das metrópoles e acabam se tornando apenas porções de terra cujos cidadãos não gozam dos direitos dos cidadãos da metrópole, mas são dela completamente dependentes politicamente. Neste caso, diz Hobson, “*es, al menos, tan apropiado el término ‘imperialismo’ como el colonialismo*”¹⁸.

Para explicar o internacionalismo, Hobson se vale do exemplo do Império Romano. Naquela época era possível encontrar cidadãos romanos, com plenos direitos, nos mais diferentes locais do mundo conhecido. Essa expansão do império romano, garantindo aos cidadãos dos territórios anexados plenos direitos, pode ser entendida como um tipo de internacionalismo já que através dela as culturas eram assimiladas e novos cidadãos incorporados. É justamente aí que, para Hobson, se encontram imperialismo e internacionalismo. Imperialismo com o objetivo de expandir ao resto do mundo a prosperidade e a grandeza do império romano e não apenas como forma de extrair dessas regiões os recursos necessários para sustentar uma aristocracia ou uma oligarquia, como se verifica no imperialismo moderno; e internacionalismo por transformar os povos conquistados em cidadãos romanos.

¹⁴ HOBSON, J. A. *Estudio del Imperialismo*. Madrid: Alianza Editorial, 1981. 343p. Pág. 11.

¹⁵ Título Original: *Imperialism – A Study*.

¹⁶ *Ibidem.*, Pág. 27.

¹⁷ *Ibidem.*, Pág. 28.

¹⁸ *Ibidem.*, Pág. 28.

O internacionalismo puro iria mais além, seria a assimilação de determinado território por outro por serem tão semelhantes as culturas de seus povos e suas línguas que essa assimilação passasse a ser natural.

El nacionalismo lleva directa y fácilmente al internacionalismo y, si no lo hace, habría motivos para pensar que se ha producido una perversión de la naturaleza y propósitos de aquél. Esta perversión es el imperialismo, en el cual las naciones fuerzan los límites de la asimilación natural y sin violencias, y transforman la saludable y estimulante rivalidad de los diversos tipos nacionales en una lucha a muerte de imperios en competencia (...) El imperialismo agresivo no sólo impide el avance hacia el internacionalismo al fomentar la enemistad de los imperios rivales, sino que, con su ataque contra las libertades y contra la propia existencia de las razas más débiles o inferiores, provoca en éstas un exceso correlativo de autoconciencia nacional. Un nacionalismo erizado de rencor y deformado por la obsesión de la autodefensa supone una perversión casi tan grande de sus tendencias como la del nacionalismo agitado por el ánimo del lucro y de expansión a costa de otros. Desde esta perspectiva, el imperialismo agresivo supone una estimulación artificial de nacionalismo de pueblos que son demasiado diferentes para ser absorbidos y demasiado unidos para aplastados y sometidos de modo permanente¹⁹.

Como um defensor do liberalismo, Hobson acreditava que o internacionalismo seria o liberalismo levado ao extremo. Livre circulação não apenas de mercadorias ou de capital, mas de pessoas, idéias; seria o fim das fronteiras econômicas e políticas, onde as culturas se misturariam e se entrelaçariam a ponto de não ser mais possível distinguir este povo daquele, todos seriam o mesmo.

Para Hobson haveria uma tendência natural ao internacionalismo, conforme as relações sociais entre os povos fossem se desenvolvendo. Alguns políticos liberais acreditavam no desenvolvimento do internacionalismo baseado na troca pacífica de bens e idéias levando em conta os interesses dos povos livres. O problema é que o desenvolvimento do nacionalismo através de práticas imperialistas impossibilita essa troca. A concorrência inter-imperialista de expansão territorial e industrial para a conquista de novos mercados, transforma as nações concorrentes em inimigas, o que torna o internacionalismo inviável.

2.1.1. O Novo Imperialismo

Segundo Hobson, o “novo imperialismo” é um fenômeno recente na história das civilizações e consiste na utilização da máquina do Estado imperialista pelos interesses

¹⁹ *Ibidem.*, Pág. 31.

privados, e de sua posição hegemônica em determinada região, para obter benefícios econômicos individuais no exterior. Ele difere do antigo imperialismo, dentre outras coisas, por ser, atualmente, praticado por várias nações e não apenas por uma determinada hegemonia. No imperialismo romano os cidadãos das nações conquistadas adquiriam todos os direitos de cidadãos romanos, o que não se verifica nas praticas imperialistas modernas, o imperialismo de outrora continha “*un auténtico elemento de internacionalismo*”²⁰; hoje é apenas uma forma de ampliar os ganhos de pequenos grupos com grande influência nos países centrais.

Um dos argumentos ingleses para o imperialismo jazia na necessidade de escoamento da produção excedente da indústria que não encontrava demanda no mercado inglês. O volume dessas mercadorias seria tão importante para a economia que justificaria os gastos necessários à manutenção do imperialismo. Hobson refutou esse argumento, rebatendo que o volume exportado representaria apenas uma pequena porcentagem do volume produzido pela indústria e que, além disso, não haveria garantias de que essas exportações não pudessem ser absorvidas pelo mercado interno.

Para se justificar, Hobson apresentou dados do “Conselho de Comércio”. Estes diziam que a mão-de-obra empregada na produção de produtos para exportação variava apenas entre uma quinta e uma sexta parte do total²¹ e que os benefícios à renda nacional, como salários, obtidos através da exportação, representavam, também, entre uma quinta e uma sexta parte do total²², não sendo, portanto, tão significativos que justificassem os gastos em armamentos e guerras característicos do imperialismo.

Verifica-se, portanto, que as práticas imperialistas demandam um custo elevado e que os frutos dessas práticas representam um pequeno incremento à renda nacional. É sob esse prisma que se faz a pergunta: quem ganha com o imperialismo?

*La única respuesta posible es que los intereses económicos del conjunto de la nación están subordinados a los de ciertos grupos privados que usurpan el control de los recursos nacionales y los utilizan para su beneficio personal*²³.

Indústrias navais e de material bélico, bancos que fazem empréstimos tanto internos quanto externos e os militares são exemplos de setores que ganham com o imperialismo.

²⁰ *Ibidem.*, Pág. 29.

²¹ *Ibidem.*, Pág. 49.

²² *Ibidem.*, Pág. 50.

²³ *Ibidem.*, Pág. 65.

Esses setores possuem muito dinheiro e influência nas câmaras de comércio e no parlamento e por isso conseguem guinar a nação a atender seus interesses.

Hobson, como já foi dito, era um liberal e um pacifista e as práticas imperialistas impedem a ampliação de ambos; por isso sua aversão ao imperialismo. Ele acreditava que os gastos do governo com o imperialismo deveriam ser direcionados a desenvolver a nação como um todo e não apenas alguns pequenos e influentes setores da indústria e do mercado financeiro. Segundo ele não é necessário que determinada nação tenha o controle do comércio de algum produto específico. É possível que outra nação obtenha ganhos maiores nesses mercados do que a nação controladora. Esse é um dos pilares do liberalismo²⁴. O imperialismo se opõe a isso ao se fundamentar no protecionismo e na conquista de novos mercados por acreditar que o excedente econômico só pode ser escoado através deles.

Acredito que os motivos do imperialismo moderno para Hobson são econômicos e sua raiz é o excesso de “poupança” que nada mais é do que a enorme acumulação de mais-valia na forma de lucro, associada à má distribuição da renda. As nações industriais mais desenvolvidas conseguem chegar a uma acumulação de capital tão elevada e tão concentrada que dificulta o seu reinvestimento no mercado interno. Na verdade esse excesso se dá, segundo Hobson, devido à desigualdade na distribuição da renda, que acaba se acumulando nas mãos de um grupo pequeno de grandes empresários e banqueiros. Caso a renda fosse bem distribuída, seu incremento levaria ao respectivo incremento da demanda, o que permitiria um reinvestimento no mercado interno para atender esse aumento.

O fato é que a má distribuição da renda leva a essa acumulação excessiva de capital em alguns grupos que se vêm com poucas alternativas. A tendência das empresas acaba sendo comprar empresas menores como forma de reinvestir esse capital, o que leva à formação de grandes monopólios em determinados seguimentos. No entanto, essa alternativa é limitada e apenas adia o problema, não o resolve, o que força as empresas a outras duas soluções:

En lugar de cerrar las fabricas menos eficientes y restringir rígidamente la producción para adecuarla a las posibilidades del mercado nacional, de modo que sus ventas en él fueran rentables, podían optar por utilizar al máximo su capacidad productiva, dedicar sus ahorros a aumentar el capital de su negocio y, sin dejar de regular la producción y los precios en el mercado nacional, dedicarse a “invadir” los mercados extranjeros para colocar en ellos sus excedentes a bajos precios, que serian insostenibles sin los beneficios conseguidos en los mercados nacionales. Otra alternativa consistía en buscar inversiones para sus ahorros fuera de su país²⁵.

²⁴ *Ibidem.*, Pág. 83.

²⁵ *Ibidem.*, Pág. 90.

Esta última foi responsável pelas grandes dívidas externas do mundo subdesenvolvido. A criação de dívidas públicas ao redor do mundo é extremamente rentável, já que escapa dos impostos sobre a renda e sobre a propriedade e oferece uma maneira de investir capital que, de outra forma, ficaria ocioso à espera de investimento. Mais do que isso, esses rendimentos provenientes de dívidas públicas são necessários para suprir os excessivos gastos com o imperialismo e que são normalmente maiores que os fundos de que dispõem essas nações. Países como Inglaterra, Alemanha, Holanda e França se tornaram grandes investidores e credores internacionais e, posteriormente, mediante suas necessidades de expansão, forçaram a anexação daqueles territórios onde possuíam investimentos. Por todos os lados vê-se capital em busca de investimento e a maioria dos homens de negócios concorda que em seus países o crescimento da produção é superior ao consumo; que se pode fabricar mais bens do que se pode vender a preços rentáveis; e que há mais capital do que se pode investir. “*Este fenómeno económico constituye la clave del imperialismo*”²⁶.

Pode-se concluir daí que o imperialismo consiste no esforço dos grandes empresários e banqueiros para escoar seus excedentes de produção e investimentos que não podem utilizar em seu próprio país. Para Hobson argumentar que o imperialismo é uma saída necessária e inevitável para a indústria desenvolvida é um equívoco e uma ilusão – veremos mais a frente que para Lênin o imperialismo é exatamente isso. Ateremo-nos a Hobson por hora. Segundo ele, o que causa a procura por novos mercados e novas oportunidades de investimento no exterior não é o progresso industrial de determinada nação e sim o excesso de capital provocado pela má distribuição da riqueza dentro dela. Ao possuir uma quantidade muito grande de capital que não pode ser reinvestida internamente, esse excesso de capital precisa ser escoado para outro lugar o que leva a nação desenvolvida ao imperialismo. Por outro lado, a visão de Hobson é a de que o imperialismo não existiria se houvesse nessa nação desenvolvida um nível de distribuição da riqueza que permitisse que a demanda interna acompanhasse o desenvolvimento produtivo.

Logo, para Hobson, o imperialismo é a consequência de um problema social e seu remédio são justamente as reformas sociais. Reformas sociais com o objetivo econômico de nivelar os consumos públicos e privados da nação de maneira a poder alcançar níveis mais elevados de produção.

²⁶ *Ibidem.*, Pág. 94.

Por ello, un Estado razonablemente gobernado debería considerar como su obligación principal el aliviar la pobreza que existe en la vida comunitaria, recurriendo para ello a nuevas formas de gastos socialmente útiles (...) Como dijo Aristóteles, “primero hemos de resolver nuestros problemas materiales, y luego practicar la virtud”²⁷.

2.1.2. Aspectos Políticos e Científicos do Imperialismo

O imperialismo traz prejuízos às nações submetidas. De fato, as dependências políticas e econômicas fazem parte dessa submissão. Por isso, sua atuação não é aberta, ou então, setores da própria sociedade da nação imperialista se voltariam contra as práticas de seu governo. Para evitar esse tipo de repercussão o imperialismo se vale de um tipo de máscara, alguma razão sob a qual ocultar sua real intenção. Essa máscara é propagada pelos estudiosos de forma que as nações imperialistas passam a ter uma missão nobre, civilizadora: a de difundir e propagar a todo o mundo a prosperidade por elas adquirida. Vários nomes já foram atribuídos, entre eles estão a superioridade da raça branca, a missão civilizadora do capital, o destino manifesto, etc.

Dessa forma, as nações imperialistas se dão plenos direitos de governar as nações menos desenvolvidas sob a égide de promover nessas populações um desenvolvimento que eles não têm a intenção e nem a condição de promover. No entanto, na metrópole, os votos e os direitos são universais, enquanto nas colônias são estendidos a uns poucos. *“El derecho de voto y los demás derechos humanos que caracterizan a la democracia siguen siendo prácticamente un privilegio de los blancos”²⁸*. Por isso foram tão poucas as colônias que efetivamente tiveram condições de se desenvolver, podendo citar entre elas as colônias da Austrália e da América do Norte. Já as colônias da América do Sul, Ásia e África, salvo raras exceções, se tornaram países subdesenvolvidos e mesmo depois de suas independências políticas, continuaram economicamente dependentes dos países centrais.

En los enormes protectorados que nos hemos apropiado en África y Asia no hay rastro alguno de gobierno representativo británico; todo lo que hacen los británicos es inmiscuirse de forma arbitraria y anómala en la actuación del gobierno nativo (...) Por excelente que sea esta organización, no parece confirmar la teoría de que el Imperio británico enseña a sus colonias a gobernarse con instituciones políticas libres (...) En las tierras en que el gobierno británico es real no existe ni libertad ni

²⁷ *Ibidem.*, Pág. 102.

²⁸ *Ibidem.*, Pág. 123.

*autogobierno; y en las que existe una cierta libertad y autogobierno, el Gobierno británico no es real*²⁹.

De fato, não existe liberdade política aos povos das colônias. Essa falta de liberdade é justificada sob o argumento de ser necessária à educação das raças inferiores, que devem ser tratadas como crianças que devem ser ensinadas lenta e cuidadosamente nas técnicas do autogoverno. A expansão imperial não difunde a democracia, como normalmente se alega. Na verdade ela propaga modos de governo antidemocráticos.

O que Hobson quer mostrar é que a despeito do que a propaganda imperialista tenta transmitir, os métodos utilizados nas colônias são totalmente opostos ao sistema de governo utilizado na Inglaterra e nas outras nações hegemônicas. As colônias quando não eram vistas como um fardo pelos estadistas eram, com frequência, utilizadas para escoar o excesso de população das metrópoles. Para lá se enviavam em sua maioria pobres e delinquentes, pessoas que eram consideradas um estorvo em seus países de origem. Em suma, o novo imperialismo, ao invés de difundir as liberdades e o sistema de governo das nações hegemônicas serviu para aumentar a área de seu despotismo.

No entanto, o imperialismo também se vale de outras justificativas. Ao se aplicar à sociedade humana a teoria evolucionista de Darwin, que prega a sobrevivência do mais bem adaptado, se pode inferir ser de vital importância para as raças mais fortes que se mantenham superiores às raças mais fracas sob a pena de serem elas mesmas um dia subjugadas e até mesmo extintas.

*Esta fé auténtica y confiada en la “eficiencia social” es, sin duda, el principal soporte moral del imperialismo. “El progreso humano exige que se mantenga la lucha entre las razas, en la que las más débiles perecerán y las eficientes socialmente sobrevivirán y florecerán. Nosotros somos la raza eficiente socialmente”. Este es el argumento que utiliza el imperialismo*³⁰.

Estas crenças servem, efetivamente para dizer que tanto ao longo da história da humanidade, como na natureza em geral, as raças mais fortes tem vencido, escravizado e exterminado as raças inferiores, e é certo que o façam, e está tão enraizado em nossa natureza e na natureza dos animais que deve continuar a ser assim. *“Pues bien, el imperialismo no es más que esta doctrina de la historia natural vista desde los intereses de la propia nación”*³¹.

²⁹ *Ibidem.*, Pág. 124.

³⁰ *Ibidem.*, Pág. 154.

³¹ *Ibidem.*, Pág. 158.

Hobson acredita que é a concentração de capital acumulada nas mãos de uma pequena elite forma as bases para o imperialismo e que as reformas sociais seriam a solução para o problema da distribuição da riqueza e conseqüentemente para o imperialismo. Agora fica a pergunta, se essas reformas resolveriam o problema, porque elas nunca foram feitas na Inglaterra? Seria realmente possível colocar em andamento esse tipo de reforma? Acredito que elas não seriam seria possíveis. A incessante acumulação de capital e sua concentração são as premissas do capitalismo, a única forma de romper com elas é romper com o sistema capitalista em si e com isso a próspera burguesia industrial inglesa jamais consentiria.

2.2. Imperialismo segundo Lênin

Lênin foi um dos principais teóricos do imperialismo. Escreveu o livro, “Imperialismo: Fase Superior do Capitalismo” no exílio em Zurique no ano de 1916 e teve como principal influência o trabalho do teórico inglês J. A. Hobson, anteriormente analisado. Os objetivos de Lênin com esse livro eram explicar “que o imperialismo é o prelúdio da revolução socialista³²” e discorrer sobre a natureza econômica do imperialismo. Para ele, “o capitalismo se transformou num sistema universal de opressão colonial e de asfixia financeira da imensa maioria da população do globo por um punhado de países ‘avançados’³³”. Esse sistema em que o capitalismo se transformou seria o imperialismo.

Ele crê que esta nova fase, a saber, essencialmente oposta à fase anterior – cuja base era a livre concorrência e o livre comércio – tem como principal característica a concentração da produção e do capital e o surgimento de monopólios. É justamente o surgimento desses monopólios que, segundo ele, configura a regra geral do imperialismo. O processo de acumulação capitalista levaria a uma tendência cada vez maior da concentração tanto do capital industrial quanto do capital financeiro, o que por fim resultaria em grandes monopólios cuja busca por novos mercados e novas fontes de matéria prima levaria à anexação das regiões menos desenvolvidas do globo, pelas mais desenvolvidas.

³² LÊNIN, Vladimir Ilitch. **O imperialismo: fase superior do capitalismo**. 4a ed. São Paulo: Global, 1987. 127p. Pág. 7

³³ *Ibidem.*, Pág. 11.

2.2.1. Raízes do Imperialismo

Segundo Lênin, a enorme acumulação de capital proporcionada pelo desenvolvimento industrial formando empresas cada vez mais importantes constitui uma das principais características do capitalismo. Por todo lugar se via empresas crescendo e dominando cada vez maiores fatias dos mercados em que atuavam. A concentração chegou a tal ponto que, em alguns casos, proporcionou o surgimento de monopólios. “Essa transformação da concorrência em monopólios é um dos fenômenos mais importantes – senão o mais importante – da economia do capitalismo moderno³⁴”.

Em alguns casos pode-se determinar com bastante precisão em que ponto o antigo capitalismo deu lugar ao novo. Lênin afirma que na Europa isso ocorreu no início do século XX. Para esclarecer melhor essa transformação, Lênin traça o desenvolvimento das principais fases da história dos monopólios:

- 1) Anos 1860-1880: ponto culminante do desenvolvimento da livre concorrência. Os monopólios não são mais do que embriões dificilmente perceptíveis;
- 2) Após a crise de 1873: período de grande desenvolvimento dos cartéis; no entanto eles aparecem apenas a título excepcional. Carecem ainda de estabilidade. Têm ainda um caráter transitório;
- 3) Expansão do fim do século XIX e crise de 1900-1903: os cartéis tornam-se uma das bases de toda a vida econômica. **O capitalismo se transformou em imperialismo³⁵**.

O desenvolvimento de trustes traz algumas vantagens para as empresas. A ampliação do tamanho da empresa permite o maior investimento em pesquisa e tecnologia, gastos que em empresas menores são inviáveis por serem elevados. O monopólio, segundo Lênin, leva à socialização da produção, uma ordem “intermediária entre a livre concorrência e a socialização integral (...) A produção torna-se social, mas a apropriação continua privada³⁶”.

No entanto os monopólios, devido a seu enorme poder, tendem a eliminar todas as empresas que não se submetem a seu jugo. Esse comportamento é danoso para a economia do país como um todo. Em sua busca pelo controle dos mercados, os cartéis se utilizam dos mais diversos estratagemas para impedir o desenvolvimento das empresas que se recusam a participar. Alguns desses artifícios são: dificultar a compra de matérias primas através do controle de fornecedores; dificultar o acesso à mão-de-obra, pois possuem alianças com as associações de trabalhadores; dificultar o acesso ao transporte de mercadorias; acesso restrito

³⁴ *Ibidem.*, Pág. 17.

³⁵ *Ibidem.*, Pág. 22. Grifos meus.

³⁶ *Ibidem.*, Pág. 25.

aos mercados; baixa de preços; restrição ao crédito; e boicote. Ao se deparar com tantas dificuldades a empresa entrante se vê com apenas duas possibilidades: ou se filia ao cartel ou encerra sua participação nesse mercado.

Uma instituição em particular possui grande importância na formação dos monopólios. Essa instituição é o banco. Os bancos atuam como intermediários transformando capital inativo em capital ativo, isto é, capital “criador de lucro³⁷”. Ao colocar aquele capital à disposição dos capitalistas, os bancos reforçam e aceleram ainda mais o processo de formação de monopólios. Estes, como as empresas, ao desenvolverem suas operações, tendem a crescer e conseqüentemente a aumentar sua participação no mercado, chegando a formar monopólios bancários. Essa transformação dos bancos em grandes conglomerados financeiros é segundo Lênin, “um dos processos essenciais da transformação do capitalismo em imperialismo capitalista³⁸”.

Conforme as transações bancárias entre capitalistas e bancos aumentam, aumenta também o conhecimento dos bancos sobre a situação financeira dos seus clientes, daí resulta uma dependência cada vez maior das empresas em relação aos bancos. A partir de então, surge uma “união pessoal dos bancos e das grandes empresas industriais e comerciais, a fusão de uns com outros, pela compra de ações, pela entrada dos diretores dos bancos nos conselhos fiscais (ou de administração) das empresas industriais e comerciais e vice-versa³⁹”. Essa união torna essas empresas extremamente poderosas.

Outro tipo de união surge para completar a união entre bancos e empresas. A ocupação de cargos nos conselhos de bancos e empresas por funcionários do governo se torna cada vez mais freqüente. Essa relação com o governo tende a ampliar o poder dos monopólios. “Deste modo, o século XX marca o ponto de partida de viragem em que o antigo capitalismo deu lugar ao novo, em que o domínio do capital financeiro substituiu o domínio do capital em geral⁴⁰”.

Uma das principais características do capitalismo monopolista é a exportação de capital, característica oposta à fase anterior do capitalismo onde predominava a exportação de mercadorias.

O capitalismo é a produção de mercadorias no grau mais elevado do seu desenvolvimento, onde a própria força de trabalho se torna mercadoria. O aumento das trocas tanto nacionais como, sobretudo, internacionais, é um traço distintivo, característico do capitalismo. O desenvolvimento desigual e por saltos das diferentes empresas, das diferentes indústrias e dos diferentes países é inevitável em regime

³⁷ *Ibidem.*, Pág. 30.

³⁸ *Ibid.*

³⁹ *Ibidem.*, Pág. 40.

⁴⁰ *Ibidem.*, Pág. 45.

capitalista (...) No limiar do séc. XX, assistiu-se à constituição de outro gênero de monopólios: primeiro, associações monopolistas em todos os países de capitalismo evoluído; em seguida, a situação de monopólio de alguns países muito ricos, onde a acumulação de capitais atingia enormes proporções. Nos países avançados formou-se um enorme “excedente de capitais”⁴¹.

Esse excedente de capitais formado nos países avançados é exportado aos países subdesenvolvidos, onde proporciona lucros elevados, já que nesses países o capital é escasso e o preço da terra e da mão de obra é relativamente baixo.

O investimento dos excedentes de capitais no exterior foi crescendo a altas taxas, o que permitiu a elevação do grau de concentração à escala mundial. A formação de grandes cartéis e trustes internacionais conduziu a uma “partilha do mundo entre os grupos capitalistas”⁴². Um exemplo dessa partilha pode ser encontrado na indústria do petróleo. “O mercado mundial do petróleo, escrevia em 1905 Jeidels, ainda hoje está repartido entre dois grandes grupos financeiros: a *Standard Oil Company*, de Rockefeller, e os senhores do petróleo russo de Baku: Rothschild e Nobel”⁴³.

Esse domínio, no entanto, é ameaçado pelo surgimento de novos grupos monopolistas no cenário internacional, que leva a uma luta entre as empresas pela partilha do mundo. A luta das empresas é estendida às nações, que buscam cada vez mais mercados para investir o enorme excedente acumulado por seus grupos monopolistas. O capital financeiro precisa se expandir e para tanto subordina até mesmo Estados independentes em sua busca pelo domínio dos mercados e das fontes de matérias primas, sejam eles já existentes ou em potencial.

2.2.2. Imperialismo: Fase Superior do Capitalismo

Como foi visto até agora, o imperialismo teve sua origem em propriedades fundamentais do capitalismo e a partir do acúmulo dessas características levou ao conseqüente surgimento de novas. Pode-se, portanto, inferir que o capitalismo se desenvolveu em imperialismo. E não poderia ser de outra forma, já que características básicas do próprio capitalismo abriram as portas ao imperialismo, conduziram a ele, evoluíram nele.

No entanto, segundo Lênin, essas novas características contrariam as anteriores. Um exemplo claro dessa contradição é a substituição da livre-concorrência pelos monopólios.

⁴¹ *Ibidem.*, Pág. 60.

⁴² *Ibidem.*, Pág. 66.

⁴³ *Ibidem.*, Pág. 69.

A livre concorrência constitui o traço essencial do capitalismo e da produção mercantil em geral; o monopólio é exatamente o contrário da livre concorrência; mas nós vimos esta última converter-se sob nossos olhos em monopólio, criando nela a grande produção e eliminando dela a pequena, substituindo a grande por uma ainda maior, levando a concentração da produção e do capital a um ponto tal que fez e faz surgir os monopólios⁴⁴.

Justamente devido a esses antagonismos, que negam a própria essência do capitalismo, que Lênin acredita que o capitalismo deixa de ser capitalismo puro e simples e passa a um estágio ulterior, a esse estágio ele chamou “fase monopolista do capitalismo”⁴⁵. No entanto, essa definição não faz jus a tudo que o imperialismo engloba, ela permeia apenas um aspecto dessa nova fase. Para ele uma definição ampla do imperialismo deve englobar “cinco caracteres fundamentais”:

- 1) Concentração da produção e do capital atingindo um grau de desenvolvimento tão elevado que origina os monopólios cujo papel é decisivo na vida econômica;
- 2) Fusão do capital bancário e do capital industrial e criação, com base nesse “capital financeiro”, de uma oligarquia financeira;
- 3) Diferentemente da exportação de mercadorias, a exportação de capitais assume uma importância muito particular;
- 4) Formação de uniões internacionais monopolistas de capitalistas que partilham o mundo entre si;
- 5) Termo da partilha territorial do globo entre as maiores potências capitalistas⁴⁶.

O imperialismo é o capitalismo chegado a uma fase de desenvolvimento onde se afirma a dominação dos monopólios e do capital financeiro, onde a exportação dos capitais adquiriu uma importância de primeiro plano, onde começou a partilha do mundo entre os trustes internacionais e onde se pôs termo à partilha de todo o território do globo entre as maiores potências capitalistas⁴⁷.

2.3. Imperialismo: conclusão parcial

O imperialismo é o estágio do capitalismo, em que o processo de acumulação de capital leva à ampliação do capital industrial e à preponderância do capital financeiro culminando na formação de grandes monopólios como a estrutura empresarial dominante. É justamente essa cartelização que configura a expressão máxima do imperialismo. As empresas monopolistas procuram expandir seus lucros para além de seus territórios através de sua inserção em novos mercados tanto para a distribuição de seus produtos quanto para a obtenção de matérias

⁴⁴ *Ibidem.*, Pág. 87.

⁴⁵ *Ibid.*

⁴⁶ *Ibidem.*, Pág. 88.

⁴⁷ *Ibid.*

primas. Tem-se a divisão do mundo em zonas de influência entre as nações imperialistas, o que as permite auferir lucros elevados e a transferir os custos sociais e econômicos da manutenção de suas riquezas para outras nações, garantindo, assim, a sua posição hegemônica no mundo e promovendo o subdesenvolvimento, a pobreza e a dependência das nações por elas dominadas.

A expansão do imperialismo leva à submissão e à dependência das nações periféricas aos capitalistas das nações centrais na disputa interimperialista através da utilização da máquina do Estado pelos interesses privados, e de sua posição hegemônica em determinada região para obter benefícios econômicos individuais no exterior.

Esses benefícios no exterior sucedem, atualmente, na forma da exportação de capitais. O crescente aumento da participação de capital estrangeiro em empresas de diversos países e a utilização desse capital no financiamento dessas empresas são suas principais ocorrências. Verifica-se aí a formação de grandes trustes internacionais que podem ser encontrados nas “*sociedades de participação* ou de *financiamento*”⁴⁸, onde conglomerados estrangeiros passam a controlar através do número de ações empresas em diferentes países sem precisar, no entanto, comprar essas empresas. Não se pode esquecer a importância dos bancos internacionais nesse processo. São os bancos que internacionalizam o capital e que permitem o seu investimento em outros países preenchendo o vazio de crédito ali instaurado e resgatando como recompensa taxas de lucro elevadíssimas.

Esse financiamento internacional, no entanto, traz mais vantagens aos credores do que simplesmente a taxa de juros. Junto com esses empréstimos são feitas uma série de exigências que devem ser cumpridas para que se possa selar o acordo. Entre essas exigências algumas mais comuns são direitos e exclusividade na exploração de recursos naturais e direitos na construção e exploração de linhas férreas e outras concessões.

O protecionismo é outro mecanismo que atualmente possui o papel de fortalecer o monopólio. Ao contrário de sua origem, quando seu objetivo era proteger a indústria nascente, o protecionismo moderno vem através da utilização da política aduaneira resguardar os interesses dos grandes trustes internacionais lhes permitindo auferir maiores taxas de lucro e permitindo a utilização de práticas como o *dumping*⁴⁹.

Os acordos comerciais internacionais são feitos sob a mira das armas das grandes potências. Na luta interimperialista por novos mercados, a guerra se faz um instrumento de

⁴⁸ BUKHARIN, Nicolai Ivanovitch. **A economia mundial e o Imperialismo**: esboço econômico. 3a ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988. 164p. Pág. 46. Grifos do autor.

⁴⁹ *Ibidem.*, Pág. 68.

concorrência capitalista. O imperialismo precisa do militarismo para se expandir. Ao mesmo tempo que protege determinados setores, garante os seus ganhos no exterior.

Hobson afirma que a solução para o imperialismo se encontra nas reformas sociais. Apenas através delas é que é possível eliminar a fonte econômica do imperialismo, a saber, o excesso de “poupança” provocado pela má distribuição da riqueza dentro da nação imperialista. A ampliação da demanda deveria ser feita às custas do capital rentista e especulativo – justamente aquele que se beneficia com o imperialismo – através da distribuição da renda e do aumento da massa salarial. O crescimento das forças produtivas seria sempre acompanhado pelo respectivo aumento da demanda, de tal forma que até mesmo o comércio internacional teria sua importância reduzida nas relações comerciais da nação, podendo a expansão colonial adquirir o verdadeiro caráter internacionalista.

Já para Lênin a origem do imperialismo é a concentração de capital e sua base econômica o monopólio. O problema é que, segundo o próprio autor, o monopólio leva ao que ele chamou de “fase superior”. Ao fixar preços de monopólio, desaparecem, até certo ponto, os estímulos ao desenvolvimento de novas técnicas e tecnologias. Ao ser eliminada a concorrência, a busca pela eficiência é sumariamente reduzida, o que, por consequência, extrapolado ao âmbito da nação, pode levar à estagnação econômica.

O imperialismo tenderia a formar um Estado rentista, ou um Estado usurário, ao permitir que grupos capitalistas obtivessem ganhos apenas exportando seus capitais. É justamente a natureza econômica do imperialismo que permite segundo Lênin, caracterizar o imperialismo como um “capitalismo de transição, ou mais exatamente, como um capitalismo agonizante⁵⁰”.

Hobson traz em sua contribuição os fundamentos para a teorização do novo imperialismo. Ele afirma que o excesso de “poupança” – acúmulo de capital para Lênin – lança as bases para o imperialismo ao necessitar de novos mercados para ser reinvestido. Ambos concordam nessa origem; é aí que jaz a dívida teórica de Lênin para Hobson.

No entanto ao afirmar que a solução para o imperialismo se encontra nas reformas sociais e que sua força motriz são fatores não econômicos como o patriotismo, a ambição, o espírito militar e a aventura – e, além disso, que a origem do excesso de “poupança” é a má distribuição da riqueza – Hobson considera que os fundamentos do imperialismo são sociais e não econômicos. O equívoco de Hobson está justamente em atribuir a um fenômeno econômico razões sociais. A concentração e a acumulação de capital são características do

⁵⁰ *Ibidem.*, Pág. 125.

sistema capitalista e nenhuma reforma social poderia mudar isso. Apenas o rompimento com o sistema capitalista alteraria esse padrão de acumulação, é por isso que essas reformas nunca foram realizadas na Inglaterra nem em nenhum país capitalista.

Ao afirmar que a origem do imperialismo é a concentração de capital, um fenômeno econômico característico do capitalismo, Lênin supera Hobson. É justamente essa concentração de capital que origina outro fenômeno econômico que culminará no imperialismo, a formação de trustes e monopólios. Logo, a origem do imperialismo para Lênin é econômica, ele é uma consequência direta do sistema capitalista e sua solução só poderia ser o rompimento das relações capitalistas através da destruição desse sistema.

3. SUBDESENVOLVIMENTO E DEPENDÊNCIA: O PAPEL DAS BURGUESIAS NACIONAIS

Se a solução para o imperialismo era o rompimento com o sistema capitalista, por que ele não ocorreu na América Latina? Que não tivesse ocorrido nos países desenvolvidos é compreensível, afinal sua burguesia prosperava e enriquecia, estava contente com o que o capitalismo lhe oferecia. Mas o mesmo não é verdade para as burguesias latinoamericanas. Estas ocupavam, e ainda ocupam, um papel secundário no processo de acumulação de capital, elas atuam como subalternas, como gestoras dos capitais internacionais em seus países. Então por que não romper com esse sistema que as relega ao segundo plano?

Além dessas, outras questões circulam na América Latina a respeito do papel das burguesias nacionais no processo de subdesenvolvimento. Por que a burguesia latinoamericana não apresenta uma solução que permita aos seus países se libertar de seu caráter dependente e servil? O que ocorreu na história da formação dessas burguesias para que elas se contentassem a ser meras gestoras do capital internacional?

Esse capítulo visa, mesmo que superficialmente, encontrar respostas a essas e a outras perguntas. Para se compreender o atual subdesenvolvimento da América Latina, deve-se estudar a formação do Estado latinoamericano, procurar suas origens, entender as relações econômicas e sociais, locais e internacionais, que ali se formaram e a partir de então formular uma hipótese que explique os motivos do ciclo de pobreza do qual seus povos não conseguem se libertar.

3.1. Marini – Dialética da dependência

Para compreendermos de forma clara como as forças imperialistas atuam na América Latina devemos ter em mente que o surgimento da burguesia latinoamericana se dá, como afirma Marini, de acordo com a dinâmica do capital internacional. Ela surge nas colônias para suprir as necessidades de matéria prima e de expansão dos meios de pagamento que permitiram o desenvolvimento do sistema industrial europeu. O caráter subserviente da burguesia latinoamericana é fruto de sua fraqueza e de sua incapacidade de se contrapor ao imperialismo internacional. Esse caráter trouxe problemas para o trabalhador e para os povos latinoamericanos.

Segundo Marini,

A participação da América Latina no mercado mundial contribuirá para que o eixo da acumulação na economia industrial se desloque da produção da mais-valia absoluta à da mais-valia relativa, isto é, que a acumulação passe a depender mais do aumento da capacidade produtiva do trabalho do que simplesmente da exploração do trabalhador. No entanto, o desenvolvimento da produção latinoamericana, que permite à região coadjuvar esta mudança qualitativa nos países centrais, dar-se-á fundamentalmente com base numa maior exploração do trabalhador. É este caráter contraditório da dependência latinoamericana que determina as relações de produção no conjunto do sistema capitalista⁵¹.

Mesmo por ocasião das independências dos países latinoamericanos, a situação não mudou. Eles continuaram sendo produtores e exportadores de produtos primários em troca de produtos industrializados. Quando essas importações superavam as exportações, entrava em funcionamento um sistema de crédito internacional cujo principal papel foi o de afundar as nações dependentes em dívidas impagáveis acirrando ainda mais a dependência desses países.

3.1.1. A Burguesia Latinoamericana e a Dependência

O desenvolvimento industrial na América Latina ocorreu tardiamente. A formação dos Estados latinoamericanos teve como principal objetivo suprir as necessidades de matéria prima e de mercado das nações industrializadas, de forma que aqui não surgiram condições semelhantes às pré-industriais européias. Por isso o modelo clássico de desenvolvimento não pode ser aplicado.

A América Latina se dedica a ampliar a oferta mundial de alimentos para que as nações desenvolvidas possam focar toda sua atenção na produção industrial. Esse aumento na oferta mundial de alimentos reduz o valor da força de trabalho nos países centrais e permite aos capitalistas desses países uma maior extração de mais-valia. O que decorre disso é que, com a redução dos preços dos alimentos, e a manutenção dos preços dos produtos industrializados, os preços dos produtos ofertados pelos países latinoamericanos são reduzidos em relação aos preços dos produtos ofertados pelos países centrais. De forma que são necessários mais alimentos para se conseguir a mesma quantidade de produtos industrializados, ou em outras palavras, há uma deterioração dos termos de troca.

No caso de

⁵¹ MARINI, R. M. **Dialética da Dependência**. Petrópolis: Editora Vozes; Buenos Aires: CLACSO, 2000. 165p. Pág. 112.

transações entre nações que intercambiam distintos tipos de mercadorias, como manufaturas e matérias primas – o mero fato de que umas produzem bens que as demais não produzem, ou não podem fazer com a mesma facilidade, permite que as primeiras eludam a lei do valor, isto é, vendam seus produtos a preços superiores a seu valor, configurando assim um intercambio desigual. Isto implica que as nações desfavorecidas devam ceder gratuitamente parte do valor que produzem⁵².

Para compensar essa perda de poder de compra ocasionada pela deterioração dos termos de troca, a burguesia latinoamericana aumenta a exploração da força de trabalho. Esse aumento da exploração do trabalho se dá mediante: o aumento de sua intensidade (mais valia relativa); o prolongamento da jornada (mais valia absoluta); e, em alguns casos, combinando ambos. Essas práticas contribuem para o aumento da oferta mundial de alimentos e matérias primas, mas não reduzem a deterioração dos termos de troca. Na verdade, podem até contribuir para o seu aumento ao reduzir ainda mais os custos dos capitalistas das nações industriais.

Portanto, não é do interesse das burguesias dos países latinoamericanos corrigir o desequilíbrio entre os preços das mercadorias exportadas e importadas – até porque isso seria impraticável tendo em vista seu caráter anêmico e submisso. O que elas pretendem é, apenas, compensar as perdas ocasionadas pelo comércio internacional, não através do aumento da produtividade, que obrigaria a utilização de mais investimento, mas da maior exploração do trabalhador, já que em economias agrárias e extrativas é possível aumentar a produção sem incorrer em significativa elevação na utilização de insumos.

Pode-se concluir daí, que o processo pelo qual a América Latina aumenta a taxa de mais-valia das nações industriais ocasiona naquela um efeito exatamente oposto, reduzindo a taxa de lucro da sua burguesia e aumentando a exploração da classe trabalhadora para compensar essa perda.

Chamada a coadjuvar a acumulação de capital com base na capacidade produtiva do trabalho, nos países centrais, a América Latina teve que fazê-lo mediante uma acumulação fundada na superexploração do trabalhador. Nesta contradição, radica-se a essência da dependência latinoamericana⁵³.

O que permite essa superexploração da classe trabalhadora latinoamericana é o fato da produção industrial não ser absorvida pelo mercado interno. Os trabalhadores desses países não absorvem a própria produção, que é preferencialmente destinada à exportação. Dessa

⁵² *Ibidem.*, Pág. 121.

⁵³ *Ibidem.*, Pág. 132.

forma, os capitalistas não precisam se preocupar em garantir aos seus trabalhadores condições de gerar a demanda por seus produtos, já que ela é externa. Isso permite que a exploração chegue ao ponto de reduzir os salários a níveis inferiores aos necessários para a reprodução da classe trabalhadora.

A produção latinoamericana não depende, para sua realização, da capacidade interna de consumo. Opera-se assim, do ponto de vista de país dependente, a separação dos dois momentos fundamentais do ciclo do capital – a produção e a circulação de mercadorias – cujo efeito é fazer que apareça de maneira específica na economia latinoamericana a contradição inerente à produção capitalista em geral, isto é, a que opõe o capital e o trabalhador enquanto vendedor e comprador de mercadorias⁵⁴.

Esse processo ocasionou um problema muito maior na economia latinoamericana. Ao interromper o ciclo do capital, minou as bases para o desenvolvimento de uma indústria local sólida. De fato, o desenvolvimento industrial latinoamericano nunca chegou a produzir “uma mudança qualitativa no desenvolvimento econômico desses países. Pelo contrário, a indústria seguiu sendo ali uma atividade subordinada à produção e à exportação de bens primários⁵⁵”.

Devido a essa restrição, a indústria latinoamericana só via a possibilidade de se expandir quando algum fator externo a impelia a esse caminho. Por isso essas indústrias elevavam seus graus de desenvolvimento nos períodos de crises internacionais e de guerras mundiais. Esses períodos reduziam a circulação de produtos industrializados no comércio internacional, o que obrigava os países latinoamericanos a iniciar um processo de substituição de importações, que era prontamente abandonado tão logo a situação internacional se normalizasse.

No entanto, o desenvolvimento das indústrias de bens de capital nas economias centrais levou a um novo fenômeno. As máquinas e equipamentos produzidos por essas indústrias se tornavam obsoletos antes mesmo de se depreciarem totalmente. Dessa forma, se acumulou um grande número de máquinas obsoletas que ainda funcionavam. A solução para esse problema foi impulsionar o desenvolvimento industrial dos países periféricos com o objetivo de criar demanda para esses produtos. Configura-se aí uma nova etapa da divisão internacional do trabalho ao se transferir “aos países dependentes etapas inferiores da produção industrial⁵⁶”.

⁵⁴ *Ibidem.*, Pág. 132.

⁵⁵ *Ibidem.*, Pág. 136.

⁵⁶ *Ibidem.*, Pág. 144.

3.2. Gunder Frank – Desenvolvimento do Subdesenvolvimento Latinoamericano

Andre Gunder Frank é um dos principais teóricos da dependência dos países latinoamericanos. Para ele foi o capitalismo mundial e nacional quem gerou o subdesenvolvimento da América Latina no passado e continua gerando no presente. Ele baseia sua análise na estrutura metrópole-satélite para explicar as características, contradições e conseqüências do capitalismo mundial para os países, principalmente, da periferia.

Ele examina o papel que as burguesias nacionais desempenham no processo de subdesenvolvimento da América Latina. E deixa claro, logo no começo que “*el capitalismo nacional y la burguesía nacional no ofrecen ni pueden ofrecer modo alguno de salir del subdesarrollo en América Latina*⁵⁷”. Já que a estrutura do capitalismo moderno não permite o desenvolvimento das burguesias dos países dependentes, as transforma em meras gestoras do capital internacional lá investido.

Portanto, o subdesenvolvimento dessas regiões se dá devido a uma transferência de riqueza das regiões periféricas para as centrais, acentuando o subdesenvolvimento na periferia e impedindo qualquer tentativa de sair de sua condição dependente.

3.2.1. Desenvolvimento do Subdesenvolvimento

Frank acredita que o subdesenvolvimento latinoamericano é o produto de séculos de desenvolvimento capitalista. A tese do autor é a de que são justamente as contradições internas do capitalismo e o seu desenvolvimento histórico que promovem o desenvolvimento dos países centrais e o subdesenvolvimento das regiões periféricas. Essas contradições do sistema capitalista seriam para Frank: a expropriação do excedente econômico de uma maioria e sua apropriação por uma minoria; a polarização do sistema capitalista em um centro metropolitano e em satélites periféricos; e o desenvolvimento natural do sistema capitalista.

A primeira contradição citada por Frank é a expropriação-apropriação do excedente econômico. O excedente econômico produzido nos países latinoamericanos não é investido

⁵⁷ FRANK, Andre Gunder. *Capitalismo y subdesarrollo en America Latina*. 5. ed. Mexico: Siglo Veintiuno, 1978. 345p. Pág. 5.

nesses países e, portanto, não promove o desenvolvimento deles. A estrutura monopolista do capitalismo direciona a maior parte desse excedente às nações centrais da economia mundial. O restante é apropriado por uma burguesia latinoamericana que o esbanja em artigos suntuosos. *“La diferencia entre quienes perciben ingresos altos y bajos y gran parte de la incapacidad de los primeros para canalizar sus ganancias hacia inversiones productivas puede atribuirse también al monopolio”*⁵⁸.

A segunda contradição consiste na polarização metrópole-satélite. *“Esta contradicción del capitalismo se manifiesta en la existencia de dos polos: un centro metropolitano y varios satélites periféricos”*⁵⁹. O desenvolvimento das nações centrais (metrópole) se dá pela apropriação dos recursos das nações periféricas (satélites), condenando estas à pobreza, ao sofrimento e à miséria. Por não ter acesso ao próprio excedente e devido às consequências da polarização imposta pela metrópole, as nações periféricas não conseguem se libertar de sua situação de satélites. A metrópole tende a dominar cada vez seus satélites e a torná-los cada vez mais dependentes. *“La expoliadora estructura metrópoli-satélite organiza e domina rápidamente la vida económica, política y social de ese pueblo”*⁶⁰.

No entanto, algumas nações satélite da economia central, mas com alguma liderança regional, se utilizam dessa posição de hegemonia local para atuar como metrópoles regionais. A partir daí surge a metrópole-satélite. Essa estrutura permite, por um lado, que a metrópole-satélite obtenha ganhos maiores ao exercer sua influência na região sugando os excedentes econômicos dos seus satélites; por outro lado, facilita a canalização dos recursos daquela região para a metrópole mundial, da qual todas são satélites.

*La contradicción metrópoli-satélite no sólo existe entre la metrópoli capitalista mundial y los países satélites periféricos, pues se encuentra también entre las regiones de esos mismos países y entre “el desarrollo rápido de las ciudades y los centros industriales y el atraso y la decadencia de los distritos agrícolas”*⁶¹.

O desenvolvimento das metrópoles nacionais, ou regionais, é limitado pois ao promover o desenvolvimento de regiões centrais dentro da própria nação, promove o subdesenvolvimento de outras regiões dentro dela, da mesma forma que ocorre entre a metrópole mundial e os seus satélites. A diferença entre elas é a de que as metrópoles nacionais também são satélites e, portanto, possuem regiões subdesenvolvidas, regiões que a metrópole mundial não possui.

⁵⁸ *Ibidem.*, Pág. 18.

⁵⁹ *Ibidem.*, Pág. 19.

⁶⁰ *Ibidem.*, Pág. 22.

⁶¹ *Ibidem.*, Pág. 21.

Logo, por mais que se destaque como metrópole regional, a nação não conseguirá se libertar de sua condição de satélite.

A própria dinâmica do desenvolvimento capitalista nos países centrais condena os países periféricos ao subdesenvolvimento. O que ocorre é uma geração simultânea do subdesenvolvimento de alguns países a partir do desenvolvimento de outros. A riqueza mundial pode ser pensada como um sistema cuja entropia é zero, em outras palavras, para que alguém enriqueça alguém deve empobrecer.

A relação de subdesenvolvimento e dependência nada mais é, portanto, do que a transferência de recursos dos satélites para a metrópole mundial, enriquecendo e promovendo o desenvolvimento desta e ocasionando a pobreza e ampliando as relações de subdesenvolvimento e renovando o ciclo de dependência nos países periféricos.

3.2.2. A origem da estrutura metrópole-satélite e do capitalismo na América Latina

O processo histórico que criou as características que levaram ao subdesenvolvimento latinoamericano foi o desenvolvimento e a expansão do capitalismo através do globo. Essa expansão desenvolveu uma serie de relações metrópole-satélite interligadas entre si cujo objetivo final era transferir às metrópoles o excedente produzido nos satélites. Esse processo teve início na América Latina com a expansão comercial Ibérica.

En alianza con sus aprovechados monarcas, el capital español, el portugués, como también el italiano y el holandés, partiendo de la península ibérica en busca de rutas comerciales hasta las Indias y el oro, conquistaron algunas avanzadas en las Antillas y en la costa americana y las convirtieron en satélites comerciales suyos por medio de la guerra, la toma de esclavos, el pillaje, la creación de empresa de exportación minera y agrícolas, alimentadas por esclavos y, gradualmente, por medio de las relaciones mercantiles. Estos satélites militares, productores y mercantiles de la metrópoli ibérica sirvieron luego de trampolines para la conquista y el establecimiento de nuevas avanzadas satélites en la tierra firme americana, las que a su vez se emplearon para conquistar e incorporar a los que habían de convertirse en satélites continentales aún más distantes (...). Así pues, al igual que otros pueblos y continentes, todo el continente latinoamericano y sus pueblos quedaron convertidos en una serie de constelaciones económicas menores, cada una con su propia metrópoli menor y sus propios satélites menores, componiéndose éstos a su vez de todavía más metrópolis y satélites; pero todos ellos dependiendo directa o indirectamente del centro metropolitano europeo⁶².

⁶² *Ibidem.*, Pág. 26.

O desenvolvimento das relações de dependência na América Latina se deu no momento de sua formação, elas estão enraizadas no modo como a burguesia lida com as forças produtivas e na cultura do povo latinoamericano. As metrópoles européias fundaram essas colônias para explorar os recursos naturais que encontraram e para servir como plataforma para sua acumulação de capital. Dessa forma deu-se início ao subdesenvolvimento das regiões satélite e ao desenvolvimento da metrópole.

A expropriação do ouro e do açúcar latinoamericanos, por parte das metrópoles européias, ajudou a desenvolver de forma mais rápida que em outros locais do mundo a estrutura metrópole-satélite na América Latina. Essa rápida formação desenvolveu desde cedo um capitalismo colonial na região, contrariando as crenças de que haviam surgido relações feudais na América Latina.

El sector que explotaba las minas y exportaba los minerales fue el alma de la economía colonial, y aunque nunca dejó de ser un satélite de la metrópoli europea se convirtió en todas partes en un centro metropolitano del resto de la economía y la sociedad nacional. Surgió o se creó una serie sectores y regiones satélites para abastecer a las minas de madera y de combustible, a los mineros de comida y ropa, y a los ociosos dueños de minas, comerciantes, funcionarios, clérigos, militares y 'gorriones' de la parte de los elementos de su vida parasitaria que no importaban de la metrópoli con el producto del trabajo forzado indígena e importado⁶³.

3.3. Conclusão parcial

Historicamente, dependência gera dependência. Para superar esse ciclo seria necessário suprimir as relações de produção que o envolvem. No entanto, isso não se verifica. O que se percebe ao longo do tempo é, na verdade, um agravamento dessas relações na América latina através do aumento da exploração do trabalhador pela intensificação da extração de mais-valia-absoluta, o que permite que o eixo de acumulação das economias centrais do capitalismo mundial se desloque da mais-valia-absoluta para a mais-valia-relativa. Em outras palavras, para que a acumulação passe a depender mais da capacidade produtiva do que da exploração da mão-de-obra no centro, é necessário que na periferia se explore mais o trabalhador.

Outro fator que contribui para a manutenção desse ciclo são as trocas desiguais. Enquanto os países desenvolvidos se preocupam com a produção e exportação de produtos

⁶³ *Ibidem*, p. 32.

industrializados, cuja tendência é manter seus preços relativamente estáveis, os países da periferia se especializam na produção e exportação de produtos primários. Devido ao aumento da sua oferta, esses produtos têm seus preços reduzidos cada vez mais em relação aos produtos industrializados, ampliando ainda mais a desigualdade entre os países exportadores de produtos industrializados e os exportadores de produtos primários.

O que ocorre, portanto, é uma capacidade reduzida da burguesia dos países periféricos em extrair mais-valia, e por conseqüência lucro, em relação aos países centrais do capitalismo. Essa situação é irreversível no âmbito das relações de mercado e a reação dessas economias para compensar essa deficiência se dá no plano da produção interna, com a extração de mais-valia-absoluta através do aumento da jornada de trabalho, com a extração de mais-valia-relativa através do aumento da intensidade do trabalho e com o pagamento de salários inferiores aos necessários para a reprodução da força de trabalho – ou seja, super-exploração – submetendo o trabalhador a uma forma de exploração ímpar e à miséria.

As contradições internas do capitalismo e o seu desenvolvimento histórico promovem o subdesenvolvimento da América Latina pela expropriação do excedente ali produzido através do sistema metrópole-satélite. Nesse sistema os países desenvolvidos se apropriam da riqueza produzida na periferia para sustentar o seu próprio desenvolvimento e para manter o elevado padrão de vida de sua população.

A burguesia nacional dos países latinoamericanos, devido à sua origem atrelada ao capital imperialista, é incapaz de enfrentá-lo e atua como mera mantenedora das relações imperialistas em seus países. Ela se contenta em extrair uma quantidade reduzida de mais-valia, transferindo o grande excedente às nações centrais do imperialismo.

Ao sugar o excedente produzido nos satélites, a metrópole não apenas extrai a única saída daqueles países de se livrar de sua situação de dependência, como agrava ainda mais essa dependência. Dessa forma, esse processo cíclico prende cada vez mais a nação dependente no sistema enquanto enriquece a nação desenvolvida. Qualquer alternativa que não seja a extinção do sistema capitalista na região não será capaz de romper a dependência estrutural que lá se desenvolveu.

4. A BURGUESIA LATINOAMERICANA

Viu-se que as burguesias dos países latinoamericanos são incapazes de fazer frente aos interesses das nações imperialistas. Sua incapacidade de extrair mais-valia em comparação com os países centrais do capitalismo mundial a relega a um papel secundário no processo de acumulação de capital. Para suprir essa deficiência elas super-exploram o trabalhador agravando ainda mais as desigualdades na América Latina.

Esse capítulo visa mostrar o desenvolvimento do capitalismo brasileiro e chileno e como as relações provenientes desse desenvolvimento formaram nesses países uma burguesia fraca cuja principal função é garantir dentro do seu país os interesses das nações imperialistas.

A escolha do Brasil e do Chile se deve às peculiaridades com que se desenvolveram essas relações nesses dois países e à sua importância na América Latina. Vamos apresentar, de que forma as nações imperialistas se inseriram em ambos e minaram quaisquer tentativas de libertação das relações de dependência e de seus povos. Aqui ficará mais clara a importância da burguesia latinoamericana no papel de mantenedora do imperialismo e do subdesenvolvimento.

4.1. A Burguesia chilena e o imperialismo no Chile

Serão apresentados dois autores que trataram do desenvolvimento das relações imperialistas no Chile. Luis Vitale e Andre Gunder Frank descreveram em obras distintas como as relações capitalistas entre as nações hegemônicas e o Chile levaram à completa submissão da burguesia chilena aos interesses imperialistas e à dependência da economia e do povo chileno àquelas nações.

Através do estudo de seus trabalhos podem-se perceber claramente os verdadeiros objetivos e intenções do capital internacional ao ser investido em um país subdesenvolvido. A forma com que o capital molda a política e a economia desse país à sua vontade e às suas necessidades de expansão e lucro, sem se preocupar com as consequências políticas, sociais e ambientais dessas ações para o povo chileno é um relato em si das consequências do controle imperialista.

4.1.1. O desenvolvimento das relações imperialistas no Chile

O Chile do início do século XIX era uma economia essencialmente primário-exportadora cujo carro chefe eram as exportações minerais. A economia chilena era extremamente sensível a flutuações no mercado internacional, o que demonstrava sua enorme dependência dos mercados centrais, principalmente do inglês, que se apropriava de grande parte do excedente econômico derivado dessas exportações. Ao invés de se utilizar dos ingressos fiscais resultantes das exportações para pagar sua dívida externa, os governos chilenos contraíram novos empréstimos aumentando cada vez mais a dívida externa e a dependência do Chile das nações hegemônicas.

Desde o fim do século XIX início do XX os governos chilenos foram

a expressão da aliança entre a burguesia *criola* e o imperialismo inglês. Esta aliança, propulsora do derrocamento de Balmaceda, se manteve até que o imperialismo norte-americano conseguisse projetar no plano político sua acelerada penetração econômica. A rivalidade inter-imperialista se expressou não apenas na luta pelo controle das matérias primas, como também no êxito em obter uma maior influência nos governos chilenos. Qualquer análise das mudanças de governo de 1900 a 1930 deve levar em conta essa luta inter-imperialista, que se refletirá no apoio a determinadas correntes políticas ou aos golpes militares. Isso se manifestará na década de 1920, com a ascensão ao governo de Alessandri⁶⁴ e do general Ibañez⁶⁵, respaldados pelo imperialismo ianque⁶⁶.

A apropriação inglesa da riqueza do Chile se acelerou no início do século XX com a assimilação das jazidas de salitre, o que acentuou ainda mais o caráter dependente desta nação. O mesmo processo pode ser evidenciado posteriormente com a apropriação do capital norte americano das jazidas de cobre, cuja tecnologia colocou novamente o Chile como principal produtor mundial de cobre. Tal posição havia sido perdida devido a uma incapacidade da burguesia local em desenvolver técnicas mais modernas de produção.

Sob o comando estadunidense o “cobre suplantou o salitre como a principal riqueza mineral do país constituindo-se como a mais importante fonte de ingressos fiscais. Com o

⁶⁴ Arturo Alessandri, candidato populista da burguesia pró Estados Unidos para frear a ascensão do movimento operário que estava desencadeando um grande número de greves respaldadas pelas entrais operárias e pelo Partido Operário Socialista (POS).

⁶⁵ Oficial chileno alinhado com o capital norte-americano que encabeçou o contragolpe militar que restaurou ao poder Arturo Alessandri. Em 1927 Ibañez foi eleito presidente do Chile.

⁶⁶ VITALE, Luis. *Interpretación Marxista de la História de Chile: De semicolonía inglesa a semicolonía norteamericana (1891-1970)*. Barcelona: Editorial Fontamara, 1980, 224p. Pág. 70. Tradução Livre.

crescimento da indústria de cobre veio, também, o aumento das formas de exploração do trabalho por parte do capital norte-americano, que se utilizava do pagamento da mão de obra através de fichas que só eram válidas na mercearia local – prática comumente utilizada pelo empresariado chileno e rapidamente incorporada pelo capital ianque – e da superexploração da mão de obra através da extração de “mais valia absoluta prolongando para até doze horas a jornada de trabalho”⁶⁷. Já se percebe aqui um crescimento dos investimentos dos EUA na economia chilena. O Processo de alienação das riquezas nacionais em favor do capital financeiro estrangeiro foi facilitado pelos partidos políticos da burguesia chilena através da implementação de uma política livre cambista que privilegiava a economia primário exportadora.

Em 1920 o candidato populista Arturo Alessandri da *Alianza Liberal*⁶⁸ vence as eleições presidenciais por uma pequena margem, o suficiente para que a oposição, a oligarquia latifundiária, criasse um clima político que justificasse o não reconhecimento da vitória de Alessandri nas eleições. Diante da possibilidade de um golpe, Alessandri chama o povo em seu favor, que vai às ruas clamando “Alessandri ou a revolução”. Agora eleito e com grande apoio popular, Alessandri inicia no Chile um processo de transformação de semi colônia inglesa para semi colônia norte-americana.

O imperialismo norte-americano se aproveitou desta conjuntura política para minar as bases da tradicional aliança entre o imperialismo inglês e a burguesia chilena. Enquanto em alguns países, especialmente centro-americanos, os Estados Unidos intervia abertamente com os *marines*⁶⁹ e aplicava a política do big stick, em outros, como no Chile, tratou de encorajar correntes políticas demo-burguesas capazes de alterar a aliança da classe dominante *criolla* com o imperialismo inglês: não por azar, o embaixador norte-americano, C. Bowers, em seu livro ‘*Misión en Chile*’, assinalou que Alessandri foi o melhor amigo que tiveram os Estados Unidos no Chile⁷⁰.

O autor prossegue afirmando que

o governo de Alessandri significou o começo da crise da aliança entre o imperialismo inglês e a burguesia criolla. Alessandri e, posteriormente, Ibañez, refletiram através de suas políticas zigzagueantes este período de redefinição das bases políticas da dependência, que culminaria na gestação de uma nova aliança baseada na crescente participação do cobre na renda fiscal. Atrás desta nova aliança

⁶⁷ *Ibidem.*, Pág. 38. Tradução Livre.

⁶⁸ Aliança Liberal: Aliança política da burguesia chilena encabeçada pelo Partido Radical, setores liberais e balmacedistas.

⁶⁹ Regimento militar norte-americano semelhante ao corpo de fuzileiros navais brasileiro.

⁷⁰ *Ibidem.*, Pág. 83. Tradução Livre.

estava a preponderância que havia adquirido o capital financeiro norte-americano sobre o inglês⁷¹.

No entanto essa transformação não foi pacífica. Em 5 de setembro de 1924 houve uma tentativa do setor pró inglês de restaurar as bases da aliança com a Inglaterra que foram removidas pelo alessandrismo. Uma junta militar encabeçada pela marinha e pelo exército tomou o poder e implementou “estado de sítio” até 23 de janeiro de 1925, quando Ibañez apoiado por setores anti-oligárquicos do exército impetrou novo golpe e depois de conturbadas reuniões com grêmios e sindicatos restaurou ao poder Arturo Alessandri. Fica evidente aqui os malefícios que a concorrência inter-imperialista pode proporcionar a um país. Neste caso o povo chileno ficou quase cinco meses em “estado de sítio” devido a uma disputa de influências entre duas nações⁷² que estavam na época concorrendo pela hegemonia mundial.

Em 27 de maio de 1927 Ibañez é eleito com quase cem por cento dos votos. Em seu governo, Ibañez proporcionou amplas facilidades ao capital monopólico norte-americano, o que agravou a dependência do Chile do capital ianque.

A ascensão de Ibañez ao poder fortaleceu as relações entre as camadas majoritárias da burguesia e o imperialismo estadunidense. (...) O embaixador norte-americano no Chile, Claude Bowers assinalava que ‘durante o governo de Ibañez os banqueiros norte-americanos recomendaram a meio mundo que investisse dinheiro no Chile’⁷³.

Em 1932 um golpe militar claramente antiimperialista encabeçado por um setor nacionalista das forças armadas criou uma junta de governo para lutar contra o processo de semi colonização do país. Esse novo governo propunha uma série de medidas nacionalistas que iam de encontro aos interesses da oligarquia chilena e do capital imperialista. A repercussão desse golpe foi sentida em Washington, quando empresários americanos com investimentos no Chile começaram a ligar para o Departamento de Estado expressando suas preocupações em relação às incertezas desse novo governo chileno. Rapidamente veio a resposta através de um golpe contra revolucionário liderado por generais e almirantes apoiados pelo imperialismo norte-americano⁷⁴. O governo revolucionário durara apenas 12 dias, mas teve um caráter antiimperialista e anti-oligárquico que até então não se havia visto no Chile.

⁷¹ *Ibidem.*, Pág. 84. Tradução Livre.

⁷² Estados Unidos e Inglaterra.

⁷³ *Ibidem.*, Pág. 99. Tradução Livre.

⁷⁴ Para maiores informações ver *Ibidem*, Pág. 112.

Com o advento da primeira guerra mundial, a indústria chilena começa a se desenvolver. Este avanço, ainda que modesto, marca o início do processo de substituição de importações. No entanto, findada a guerra, voltaram as importações de artigos manufaturados. Para evitar a competição estrangeira, foram criadas as primeiras leis de proteção à indústria nacional. Os capitais investidos na indústria provieram de estrangeiros residentes no Chile há muitos anos e de setores da burguesia agrária e financeira chilena que deslocaram parte de seus capitais a esta nova atividade econômica que oferecia melhores expectativas que o agronegócio. No entanto “a burguesia industrial chilena, como a de outros países latinoamericanos, era incapaz de se contrapor ao imperialismo e à oligarquia latifundiária, aos quais estava ligada estruturalmente desde sua gestação”⁷⁵. Vitale cita em sua obra a contração de empréstimos com o Banco de Importação e Exportação dos Estados Unidos no valor de dezessete milhões de dólares destinados à compra de equipamentos e fundos para financiar o desenvolvimento industrial⁷⁶.

Em seu segundo governo⁷⁷, Alessandri é apoiado pela maioria da burguesia *criolla* e pende a balança da competição inter-imperialista definitivamente em favor “do capital monopólico ianque, consolidando a conversão do Chile em semi colônia norte-americana”⁷⁸.

Devido às repercussões da crise de 1929 o mercado internacional se fechou e o Chile percebeu uma drástica redução de suas exportações minerais. Como alternativa a essa crise, setores da burguesia agrária e comercial se voltaram para a produção industrial, que apresentaria maiores taxas de mais valia. No entanto, o modo como esse crescimento industrial se desenvolveu, baseado na indústria de consumo, reforçou ainda mais a dependência econômica do Chile em relação ao capital norte-americano. A debilidade estrutural da indústria chilena a deixava muito dependente da importação de insumos e de maquinaria estrangeira, fato que acabou por ocasionar a fusão da indústria chilena com o capital monopólico internacional, principalmente com o capital ianque.

A partir desse ponto as relações entre o capital imperialista norte-americano e os capitalistas chilenos só se estreitaram, acentuando ainda mais o caráter semi colonial do país. A indústria de cobre, que nessa época já representava em torno de 70% das exportações chilenas e correspondia a 60% das divisas do país, possuía 95% de seu capital controlado por apenas três companhias norte-americanas⁷⁹. Esse controle exagerado do capital ianque de um

⁷⁵ *Ibidem.*, Pág. 130. Tradução Livre.

⁷⁶ *Ibidem.*, Pág. 132.

⁷⁷ De 1932 a 1938.

⁷⁸ *Ibidem.*, Pág. 115. Tradução Livre.

⁷⁹ *Ibidem.*, Pág. 138.

setor tão importante da indústria chilena acarretou sérias conseqüências para a economia do país. Como essas empresas eram controladoras de subsidiárias responsáveis por outras etapas do processo de transformação do minério de cobre, não lhes era interessante aumentar o preço do metal, na verdade, segundo Vitale, essas empresas fixavam preços artificialmente baixos, o que acarretava uma limitação dos ingressos fiscais do Chile⁸⁰.

Segundo informações do Banco Central do Chile, os investimentos ianques no Chile subiram de 536 milhões de dólares em 1948 para 813 milhões de dólares em 1953⁸¹. No entanto esse montante de investimento não veio de graça. Com o crescimento do investimento norte-americano no Chile, veio também o crescimento da dívida chilena.

Para dar uma idéia do endividamento paulatino com o imperialismo ianque, assinalaremos que entre 1944 e 1956, o Chile recebeu 800 milhões de dólares em investimentos enquanto teve que pagar 1.354 milhões de dólares em amortizações e serviços da dívida externa⁸².

O domínio do Chile pelo imperialismo ianque não se restringiu apenas à esfera econômica. As relações de dependência assumiram um novo caráter com a criação de pactos militares⁸³ que acabaram por alienar parte da soberania política do país. A criação da OEA⁸⁴ foi um marco da dominação política da América Latina ao permitir que um organismo supranacional, claramente enviesado pelos interesses imperialistas, ditasse uma política obrigatória a todos os países do continente. Segundo Vitale, esse novo caráter da dependência reafirmou a condição do Chile de semi-colônia norte-americana⁸⁵.

⁸⁰ *Ibidem., loc. cit.*

⁸¹ *Ibidem., loc. cit.*

⁸² *Ibidem., loc. cit.* Tradução Livre.

⁸³ “O Pacto Militar de 1947 alinhou o Chile ao marco da estratégia geopolítica do imperialismo norte-americano. O PAM (Pacto de Ajuda Militar) implementou em 1951 esta nova relação de dependência. De acordo com as disposições do PAM, os países latinoamericanos deveriam aderir aos planos de ‘defesa hemisférica’ elaborados pela OTAN. O PAM propiciava tratados bilaterais nos quais se estabelecia o fornecimento de armas e treinamento às forças armadas do continente. O PAM não apenas estipulava ‘ajuda militar’ e penetração ideológica como também uma ação conjunta das forças armadas norte-americanas com as de cada país latinoamericano”. *Ibidem.*, Pág. 139.

⁸⁴ “Um passo decisivo na aplicação dos planos ianques de semi-colonização política da América Latina foi a criação da Organização dos Estados Americanos em 1948. A OEA, organismo supranacional, começou a impor decisões que afetavam a autonomia política dos Estados latinoamericanos. Uma das cláusulas estabelecia que se um país americano fosse atacado por uma potência extra continental, o resto das nações estavam obrigadas a participar do conflito. (...) Os Estados Unidos era o único país americano que podia – e queria – participar de um conflito extra continental. (...) Não por azar, o Brasil e outros países latinoamericanos enviaram tropas para lutar junto com os ianques na guerra da Coréia”. *Ibidem.*, p. 139.

⁸⁵ *Ibidem.*, Pág. 140.

Uma evidência clara desse caráter semi-colonial pode ser vista na segunda fase do governo Ibañez⁸⁶, quando este recebeu a missão norte-americana Klein Sacks. Esta missão, que ficou vários meses assessorando o governo chileno, objetivou o congelamento dos salários e a abrupta redução dos investimentos públicos, o que, segundo Vitale, “provocou um processo forçado de deflação que lançou à inatividade milhares de trabalhadores”⁸⁷, além de novas leis que favoreciam as companhias estrangeiras de cobre e salitre⁸⁸, como o “*Referendum Salitrero*”⁸⁹.

A decisão do governo chileno em promover o desenvolvimento das indústrias de bens de consumo duráveis e de bens de capital, para fugir da crise de acumulação de capital na área manufatureira, estreitou ainda mais a relação entre o capital norte-americano e o chileno. Essas indústrias possuem maior necessidade de investimentos e de tecnologia, recursos que o Chile não dispunha em quantidade suficiente para alavancar esse processo endogenamente. Esta decisão da burguesia chilena veio aumentar os investimentos norte-americanos no Chile e se alinhava com a nova política⁹⁰ de investimentos dos Estados Unidos para a América Latina, que consistia em “deslocar seus capitais para a indústria sem abandonar seus tradicionais investimentos na exploração de matérias primas”⁹¹. Para ilustrar a amplitude dessa nova política norte-americana Vitale relata,

No México, as indústrias fundamentais passaram às mãos do capital norte-americano. No Brasil e Argentina o imperialismo conseguiu em menos de um quinquênio o controle da indústria automobilística e petroquímica. Na Colômbia e Venezuela, o empório Rockefeller e outros de similar magnitude começaram a controlar as fábricas mais importantes⁹².

Os números que Vitale passa não podem ser desprezados. Segundo ele os investimentos norte-americanos na indústria chilena passaram de 6 milhões de dólares em 1940 para algo em torno de 100 milhões em 1960, enquanto a sociedade anônima estrangeira correspondia a mais da metade do capital das sociedades nacionais em 1957. “Estas cifras parecem mais reveladoras se se atenta a que as entidades estrangeiras são apenas 60, enquanto

⁸⁶ A segunda fase do governo Ibañez teve início no final de 1955 e foi caracterizada por um discurso mais direitista que sua fase anterior. *Ibidem.*, Pág. 145.

⁸⁷ *Ibidem.*, loc. cit. Tradução Livre.

⁸⁸ Para maior esclarecimento sobre essas leis ver *Ibidem.*, loc. cit.

⁸⁹ Referendo “que estabelecia a liberação das cargas fiscais que pagavam as companhias”. *Ibidem.*, Pág.146. Tradução Livre. Grifos do autor.

⁹⁰ Essa política se iniciou em meados da década de 1950. *Ibidem.*, p154.

⁹¹ *Ibidem.*, loc. cit. Tradução Livre.

⁹² *Ibidem.*, Pág. 155. Tradução Livre.

as nacionais são 1.300”⁹³. Vitale evidencia um novo caráter do processo de dependência. Agora, o imperialismo não se contentava apenas com a dominação política e das matérias primas e passou a ser dono também dos ramos fundamentais da indústria chilena.

Em 1961 a economia chilena já vinha sofrendo com problemas com a inflação e com o balanço de pagamentos e viu sua situação se agravar ainda mais ao se deparar com “a crise do setor externo, expressa nos pagamentos dos serviços do capital estrangeiro, amortizações e juros dos empréstimos contraídos com o imperialismo”⁹⁴. As conseqüências dessas crises culminaram no endividamento ainda maior do Chile, chegando ao ponto de pagar quase metade dos seus ingressos correntes àqueles serviços. Conforme assinala Vitale,

Este crescimento quase geométrico da dívida externa se converteu em uma das manifestações mais agudas do processo de dependência, já que cerca da metade dos ingressos em divisas teve que ser destinada a dito serviço. O imperialismo impôs novas formas de semi-colonização, obrigando ao nosso país⁹⁵ a estabelecer a política econômica ditada pelo Fundo Monetário Internacional⁹⁶.

4.1.2. A satelitização do Chile

Como na maioria dos países latinoamericanos o Chile teve sua economia colonial baseada na exportação de produtos naturais. Os principais produtos da pauta de exportação chilena no início do século XVI foram o ouro e o sebo, o que por si já diz muito sobre a sua função no desenvolvimento do capitalismo mundial.

*El grueso de las exportaciones de sebo chilenas iba ya entonces a Lima, el más cercano centro comercial grande del imperio colonial, y no a la metrópoli europea. Al mismo tiempo, la cría de ganado para venta y consumo local y la producción de lana para telas con que vestir a mineros, soldados y otros formaron la base de una creciente economía comercial, dependiente e interior*⁹⁷.

As exportações chilenas se voltavam a favorecer o desenvolvimento da metrópole regional, o Peru, e esta se encarregava de garantir os interesses imperialistas espanhóis na América Latina. Esses interesses eram garantidos concedendo aos capitalistas locais certos

⁹³ LAGOS, Ricardo. *La concentración del poder econômico*, Pág. 125, Ed. del Pacífico, Santiago, 1960. *Apud Ibidem.*, loc. cit. Tradução Livre.

⁹⁴ *Ibidem.*, Pág. 159. Tradução Livre.

⁹⁵ O autor se refere ao Chile.

⁹⁶ *Ibidem.*, loc. cit. Tradução Livre.

⁹⁷ FRANK, Andre Gunder. *Capitalismo y subdesarrollo en America Latina*. 5. ed. Mexico: Siglo Veintiuno, 1978. 345p. Pág. 39.

privilégios que supriam relativamente suas necessidades de mais-valia, o que levava as burguesias locais a se conformar com uma participação menor da riqueza aqui produzida.

Para favorecer os capitalistas dessas regiões, por vezes foram decretadas leis proibindo a comercialização de tal ou qual produto entre as províncias tornando-o escasso e auferindo ganhos de monopólio aos que ainda o possuísem. São restrições protecionistas levavam à formação artificial e temporária de monopólios regionais.

Já no século XVII, as mudanças introduzidas pelo capitalismo internacional e a depressão por que passou a Espanha nesse século levaram ao isolamento do Chile. Esse isolamento associado à perda de poder das oligarquias locais devido à redução da produtividade das minas e à redução da mão-de-obra indígena disponível levou à criação de novos meios institucionais de forçar as camadas inferiores da população ao trabalho, o que por sua vez obrigava os trabalhadores a aceitar baixíssimos salários e péssimas condições de trabalho.

A crise da mineração levou muitos capitalistas à falência, os que conseguiram sobreviver mudaram para outras atividades como a pecuária e a agricultura (principalmente na criação de trigo) para suprir o abastecimento proveniente da metrópole que definhava cada vez mais devido à crise espanhola.

O Chile passa a ter uma produção interna de bens voltados a suprir a redução nas importações e inclusive para exportar às outras colônias que passavam pelo mesmo problema. O Chile havia conquistado uma importância comercial muito grande, a ponto do vice-rei do Peru afirmar que sem o Chile não existiria Lima⁹⁸. No entanto, esse desenvolvimento chileno foi podado pelo retorno do estreitamento das relações com a metrópole no século XVIII. A *“producción y, en verdad, la capacidad para producir declinaron otra vez, con lo que el subdesarrollo se enraizó aun más firmemente en Chile”*⁹⁹.

Frank chama a atenção para o desenvolvimento das contradições capitalistas no século XVIII. Ele afirma que elas estavam tão arraigadas que

el pueblo chileno no pudo evitar el continuo desarrollo del subdesarrollo chileno en los siglos XIX y XX, a despecho de algunos esfuerzos por resolver las contradicciones capitalistas y evitar que Chile continuara subdesarrollándose. Todas estas tentativas de liberación se efectuaron dentro de la estructura capitalista misma; no podía ser de otro modo entonces. Después de las elecciones de 1964, debemos afirmar una vez más que el pueblo chileno no ha logrado todavía la necesaria emancipación de la estructura y el proceso económicos que

⁹⁸ VITALE, Luis. *Interpretación Marxista de la História de Chile: De semicolonía inglesa a semicolonía norteamericana (1891-1970)*. Barcelona: Editorial Fontamara, 1980, 224p. Pág. 46.

⁹⁹ *Ibidem.*, Pág. 46.

*inevitablemente producen al mismo tiempo un desarrollo limitado y un subdesarrollo estructural*¹⁰⁰.

Durante todo o século XVIII, a balança comercial chilena foi claramente desfavorável em relação às metrópoles (Espanha e o Vice-Reinado do Peru). O poder econômico dos comerciantes monopolistas aumentava cada vez mais, impedindo qualquer reação capaz de reverter esse quadro desfavorável.

De fato esse sistema se desenvolveu tão bem para os capitalistas locais que o Peru, que já era o único intermediário entre o Chile e a Metrópole européia no comércio de artigos de primeira necessidade para a colônia, passou a dominar efetivamente o comércio externo chileno. “*Ellos compraban el trigo ‘en las bodegas de Valparaíso al costo y a veces sólo del flete, perdiendo el labrador su trabajo y expensas’*”¹⁰¹. É visível nesse caso a submissão de uma nação a uma metrópole regional, este é um exemplo claro do funcionamento do sistema metrópole-satélite de Andre Gunder Frank. Nesse sistema, toda forma de tentar remediar essa situação é infrutífera e assim também foi para o Chile, como mostra o seguinte relato sobre documentos que contavam como se deu essa reação.

*Tal documentación muestra que la comunidad fue contraria desde el principio a este tipo de intercambio, por las consecuencias que trajo consigo; contraria a la restricción del consumo, contraria al alza de precio interno, lo que se tradujo en una política restrictiva y extemporánea, destinada a poner trabas al comercio naciente, limitando las licencias y el monto de la cuota exportable, pero sin imaginar ni ensayar otras soluciones positivas*¹⁰².

O mesmo tipo de polarização metrópole-satélite ocorreu no interior do Chile. Crescia cada vez mais a diferença de poder entre os latifúndios e minifúndios. As contradições capitalistas penetraram cada vez mais fundo no campo chileno. As transformações derivadas desse processo podiam ser vistas facilmente na concentração da terra que aumentava a um ritmo acelerado e na deterioração das relações de trabalho entre os proprietários de terra e os trabalhadores rurais, o que piorou ainda mais as condições de trabalho e a remuneração.

É visível claramente, a partir daí, que no sistema metrópole-satélite, em qualquer instância que seja, regional ou global, seja nas relações dentro de uma fazenda, quando a metrópole se desenvolve o satélite definha, e não foi diferente no Chile. A revitalização das exportações minerais não trouxe consigo o esperado desenvolvimento nos outros setores, principalmente na indústria. E isso não aconteceu porque esse aumento na demanda por minério foi puxado

¹⁰⁰ *Ibidem.*, Pág. 47.

¹⁰¹ *Ibidem.*, Pág. 50.

¹⁰² Sepúlveda, 1959 *apud Ibidem.* Pág. 51.

pela superação da crise nos países centrais que tiveram suas indústrias se aquecendo novamente. Sabe-se que o desenvolvimento industrial nos países centrais leva ao subdesenvolvimento da indústria nos países satélite, logo, como era de se esperar, o desenvolvimento industrial chileno cessou o que aumentou o seu subdesenvolvimento estrutural e a sua dependência das metrópoles.

Depois de séculos na posição de satélite da economia capitalista mundial, nem mesmo os esforços do século XIX para promover o desenvolvimento do Chile surtiram efeito. Faltava ao Chile um elemento fundamental para concorrer com a indústria da metrópole, capital. FRANK (1978), afirma que as nações que conseguiram se desenvolver nunca ocuparam o posto de satélite na economia mundial, nunca foram subdesenvolvidas, ou então romperam radicalmente com o sistema capitalista. O fato é que o longo período pelo qual o comércio chileno foi monopolizado pelas nações estrangeiras, além de ter dado uma enorme vantagem a elas limitou em muito a capacidade de reação do Chile já que uma grande parte de seu excedente econômico foi expropriado por aquelas nações.

No entanto, muitas medidas visando esse desenvolvimento foram tomadas, tanto no sentido de elevar a produção industrial quanto na formação de uma marinha mercante nacional. Mas essas medidas não surtiram muitos efeitos e o Chile continuou sendo uma economia essencialmente exportadora e cada vez mais controlada pelo capital internacional. Em 1876, o Chile era responsável por 62% do cobre mundial e era proprietário de todas as suas minas que foram abertas por iniciativa do capital nacional. Em 1913 o controle chileno das minas caiu para 80% e no fim do século XX o Chile controlava apenas cerca de 10% dessas minas, sendo os outros 90% de propriedade do capital estadunidense¹⁰³.

A integração da economia chilena com o mercado mundial trouxe outros problemas. O fechamento dos mercados de trigo dos EUA e da Austrália adicionados à crise monetária de 1857, que afetou a disponibilidade de crédito para o mundo todo, teve impactos fortíssimos para aquela economia. Os preços das terras caíram cerca de 40%, demissões foram feitas e empresas quebraram. Situação semelhante aconteceu novamente com a grande depressão de 1873 e com a Guerra do Pacífico. Toda vez que havia uma crise nos mercados internacionais as conseqüências para a economia chilena eram catastróficas.

Essa integração cada vez maior da economia chilena ao mercado internacional se deu devido à política de livre comércio imposta pela Inglaterra a todos os satélites do mundo. Essa política consistia na abertura econômica e fim das barreiras protecionistas e na difusão do

¹⁰³ *Ibidem.*, Pág. 68.

liberalismo político como doutrina universal. A participação cada vez maior do Chile no livre comércio internacional levou à crescente submissão da produção e dos recursos naturais chilenos ao capital estrangeiro.

No tardó mucho el librecambio en estrangular la manufactura chilena también. La satelización de Chile por Inglaterra metropolitana, o mejor, la colonización de Chile por Inglaterra una vez que aquél se hubo independizado de España, era inevitable¹⁰⁴.

Com sua política de livre comércio a Inglaterra controlava as linhas de comércio internacional com o Chile e passou rapidamente a controlar setores da indústria e da agricultura chilena. No entanto esse controle, como afirma FRANK (1978), não se deve apenas ao poder da metrópole mundial, se deve também a aliados que essa metrópole possui nas metrópoles regionais e nos satélites. Grupos de interesse dentro do próprio Chile facilitaram o controle inglês desses setores da economia. E esses mesmos grupos de interesse foram responsáveis por combater quaisquer tentativas de fazer frente ao domínio do capital metropolitano inglês.

Foi assim com a tentativa de Balmaceda de acabar com o subdesenvolvimento chileno e colocar em seu lugar o desenvolvimento através do *Referendo Salitrero*. As raízes do subdesenvolvimento já estavam muito profundas no Chile e as classes dominantes submissas ao capital monopolista metropolitano. FRANK (1978), argumenta que a tentativa de Balmaceda, assim como tentativas anteriores de forma semelhante, teria dado certo se o Chile tivesse sido, como alguns autores acreditam, uma economia feudal e fechada até meados do século XIX, mas não foi assim. A economia chilena está inserida na economia mundial capitalista desde seu princípio, tendo se tornado, portanto, um satélite dessa economia.

A proposta de Balmaceda com o referendo era a de: romper com o monopólio inglês nas minas de salitre chilenas; estimular a formação de companhias salitreiras nacionais; impedir o maior desenvolvimento das empresas estrangeiras; e fomentar a produção de salitre através do emprego de técnicas mais modernas; além de outras reformas sociais¹⁰⁵. Essa tentativa de promover o desenvolvimento foi frustrada com uma guerra civil que levou ao suicídio do referido presidente. Na mesma época começa a crescer a participação do capital estadunidense no Chile e se acirra a disputa interimperialista pelo controle desse mercado entre os Estados Unidos e a Inglaterra.

¹⁰⁴ *Ibidem.*, Pág. 77.

¹⁰⁵ *Ibidem.*, Pág. 87.

Com o fracasso do *Referendo Salitrero* o salitre chileno seguiu com seu papel de financiar o desenvolvimento da agricultura européia que experimentou enorme progresso técnico graças à utilização desse fertilizante. No entanto no início do século XX a Alemanha desenvolveu uma alternativa mais barata ao salitre chileno que levou a indústria de salitre à bancarrota e com ela as esperanças de que essa produção industrial pudesse gerar o excedente econômico necessário para resgatar o Chile de sua condição de país subdesenvolvido. O mesmo se deu para a produção de trigo com o controle inglês e para a extração de cobre com os norteamericanos.

Veja o que diz um membro do senado chileno aos se dirigir aos seus membros:

*Yo, por mi parte, no sueño tanto con esos capitales extranjeros que embriagan a muchos, y aunque no desconozco su importancia, me inspira duda. ¿Vienen ellos para nuestro beneficio o para el de sus dueños? ¿Vienen como savia generosa para fecundar nuestros campos y talleres y procurarnos riqueza, o vienen como la esponja que absorbe los sudores del trabajo por sólo el pan para la vida?*¹⁰⁶

A apropriação do excedente chileno por parte dos capitais estrangeiros era visível e muitos tentavam se levantar contra essas práticas, mas setores muito importantes da burguesia e da oligarquia latifundiária estavam intimamente ligados a esses capitais e pressionavam seus representantes no parlamento para a manutenção de políticas que os beneficiassem. A manutenção desse sistema continuou e se acentuou no século XX.

*Se estima que del excedente económico producido por y en Chile, al redor de 9.000 millones de dólares han sido expropiados-apropiados por la metrópoli capitalista mundial en el presente siglo; la suma es igual al valor de todo el capital fijo de Chile en 1964.*¹⁰⁷

Com a produção de cobre sobre o domínio estadunidense – cerca de 90% dessa produção, como já foi dito – a principal fonte de excedente econômico chileno no início do século XX está sobre o controle do capital metropolitano internacional.

Devido a ter a maior parte de seu excedente econômico nas mãos de outras nações, o Chile ficou muito vulnerável à crises como a de 1929 que reduziu drasticamente sua capacidade de importação. Apesar dos esforços para se recuperar da crise ao se voltar para o mercado interno através do processo de substituição de importações, o Chile foi novamente golpeado pela recuperação das economias desenvolvidas e teve sua tentativa de

¹⁰⁶ RAMIREZ, 1960, *apud* FRANK, Andre Gunder. *Capitalismo y subdesarrollo en America Latina*. 5. ed. Mexico: Siglo Veintiuno, 1978. 345p. Pág. 94.

¹⁰⁷ *Ibid.*

desenvolvimento minada mais uma vez. Como já foi dito, em tempos de crise os satélites tem lampejos de desenvolvimento que são suprimidos tão logo as economias desenvolvidas se recuperem. Foi assim novamente com a segunda guerra mundial e com o seu fim. Entre 1940 e 1948 a produção industrial chilena cresceu cerca de 80%, enquanto entre 1948 e 1960 cresceu apenas 60%¹⁰⁸.

Dentro do Chile, as contradições do sistema capitalista também possuem consequências graves. A polarização metrópole satélite no âmbito nacional leva a uma concentração da riqueza cada vez maior, o que agrava cada vez mais a desigualdade social reduzindo a renda da maior parte da população chilena e disseminando a pobreza no interior do país.

*Nuestro examen de la historia chilena demuestra que fue el capitalismo, con sus contradicciones internas, el que generó el subdesarrollo de Chile y determinó sus formas; (...) que el subdesarrollo de Chile no puede atribuirse a la supuesta supervivencia parcial de una estructura feudal que nunca existió en todo, ni en parte. A nivel nacional el poder ha estado siempre en las manos de una burguesía que estaba y está íntimamente ligada a los intereses extranjeros que era y es principalmente comercial y que se apropiaba y se apropia del excedente económico de todos los sectores importantes de la economía.*¹⁰⁹

4.2. A Burguesia brasileira e o imperialismo no Brasil

A análise do desenvolvimento das relações imperialistas e das contradições capitalistas ao longo do processo histórico de formação do Estado brasileiro ficará a cargo de André Gunder Frank e de João Manuel Cardoso de Mello. Será tratado a seguir como o desenvolvimento colonial brasileiro reprimiu a demanda interna, expropriou a acumulação de capital necessária ao desenvolvimento industrial e excluiu do trabalhador brasileiro desse mercado consumidor, condenando o Brasil a ser uma economia essencialmente agrário-exportadora que explora sua classe trabalhadora abaixo do nível necessário à sua reprodução.

Será mostrado também o papel da burguesia brasileira no processo de industrialização brasileiro, ainda que tardio, e sua importância na manutenção do subdesenvolvimento ao relegar ao capital internacional o desenvolvimento técnico necessário à sua produção.

¹⁰⁸ FRANK, Andre Gunder. *Capitalismo y subdesarrollo en America Latina*. 5. ed. Mexico: Siglo Veintiuno, 1978. 345p. Pág. 108.

¹⁰⁹ *Ibidem.*, Pág. 119.

4.2.1. O desenvolvimento das relações capitalistas no Brasil segundo Gunder Frank

Desde o início de sua colonização, se formaram no Brasil relações capitalistas de produção. O sistema de capitanias e de sesmarias utilizado para colonizar o país pode, a princípio, parecer feudalismo e é bem verdade que possui no feudalismo suas origens. No entanto, esse sistema é, essencialmente, capitalista. Os seus proprietários tinham como principal objetivo o lucro e retiravam esse lucro da apropriação do trabalho efetuado por outrem. É importante desmistificar a origem feudal do Brasil para que se possa compreender que desde sua colonização ele foi inserido no sistema metrópole-satélite e junto com ele as contradições capitalistas se desenvolveram.

A elevação da quantidade de ouro e prata disponível na Europa se elevou devido à crescente extração desses minérios das colônias espanholas. Esse rápido aumento elevou o nível de renda e a concentração de capital nos principais países europeus o que permitiu às suas oligarquias elevar o seu consumo de produtos supérfluos como o açúcar. O aumento na demanda mundial de açúcar elevou os preços do produto e a produção portuguesa nas Ilhas Madeira não conseguiu suprir esse aumento na demanda, o que levou a coroa portuguesa a dar início ao plantio de cana de açúcar no nordeste brasileiro.

Devido à pequena população portuguesa a metrópole européia se viu impelida a empregar mão-de-obra escrava para realizar a produção da cana. Primeiro houve a tentativa de se escravizar a população indígena, mas ela não surtiu bons resultados devido ao baixo nível de organização dos índios. Logo, Portugal se viu com uma única alternativa, importar escravos negros da África, onde também possuía colônias e tinha facilidade em conseguir esse tipo de mão-de-obra. Com o emprego da mão-de-obra negra as lavouras de cana prosperaram e seus proprietários auferiram lucros elevados.

A propriedade dessas lavouras era extremamente concentrada e estava principalmente nas mãos de holandeses que se quer residiam no Brasil. No entanto eles estavam intimamente ligados à metrópole e com a acumulação cada vez maior do excedente apropriado pelos proprietários e do excedente enviado à Europa se deu início o comércio de artigos de luxo, máquinas e equipamentos entre o Brasil e Portugal. Esse comércio incorporou o satélite ainda mais ao sistema capitalista mundial.

Com a União Ibérica a Holanda que era inimiga da Espanha entrou em guerra também contra Portugal e rapidamente ocupou grande parte das fazendas de açúcar do nordeste

brasileiro. Portugal para se proteger firmou tratados com a Inglaterra e abriu todo seu mercado aos produtos ingleses, e isso incluía o Brasil. Com a expulsão dos holandeses, estes foram produzir cana de açúcar nas Antilhas, o que aumentou em muito oferta de açúcar no mercado internacional e despencou seus preços, levando ao declínio da fazenda açucareira no nordeste brasileiro. “*El desarrollo del sistema en conjunto produjo la involución de su satélite nordeste brasileño*”¹¹⁰.

O fim da indústria açucareira marcou também o declínio das relações entre Brasil e Portugal e o fortalecimento das relações com a Inglaterra. Nessa época a base da economia brasileira se transferiu do açúcar para a extração de metais preciosos como ouro e prata recentemente descobertos em Minas Gerais e em Goiás. A febre do ouro se instaurou na região central do Brasil e cidades foram fundadas e novamente escravos foram importados e toda uma estrutura foi formada para suprir as necessidades da nova metrópole local.

Da mesma forma como veio, ela se foi. Em aproximadamente 40 anos a exploração de ouro e prata na região das Minas Gerais se esgotou e como todo o ouro e prata aqui encontrados foram enviados à Europa para financiar a revolução industrial inglesa que estava em andamento o “*Brasil entró en una crisis que duró un cuarto de siglo*”¹¹¹. Vê-se novamente a decadência de uma região brasileira devido à sua exploração pelas metrópoles imperialistas. Tivessem esse ouro e prata sido empregados dentro do Brasil eles poderiam ter financiado o desenvolvimento de outros setores da economia brasileira e dado início ao desenvolvimento. No entanto, o fato do Brasil ter o papel de satélite na economia capitalista internacional mina quaisquer possibilidades disso se tornar realidade.

O Brasil só foi ter uma atividade econômica de importância tão grande quanto o açúcar ou o ouro, novamente, no início do século XIX, com a produção cafeeira. O excedente remanescente da época do ouro que ficou acumulado nas mãos de alguns capitalistas brasileiros foi que financiou o início da lavoura de café na região sudeste. A mão de obra utilizada na plantação de café foi importada do nordeste em decadência. Tem-se uma nova polarização interna, a região sudeste se tornaria a nova metrópole nacional vinculada à metrópole internacional através do comércio de exportação¹¹².

Com o aumento da demanda mundial de café na década de 1860, a produção foi crescendo para o interior em direção a São Paulo. Foram criadas estradas de ferro e o porto de Santos foi ampliado para escoar a enorme produção. Conforme os anos avançaram e a abolição da

¹¹⁰ *Ibidem.*, Pág. 156.

¹¹¹ *Ibidem.*, Pág. 160.

¹¹² *Ibidem.*, Pág. 169.

escravidão vinha ganhando força, a mão de obra escrava negra foi substituída pelo trabalhador assalariado, representado principalmente no imigrante europeu. Foi nessa época que a cafeicultura paulista ganhou força e passou a dominar a produção nacional de café.

A expansão do café paulista teve entre outras características uma particularmente importante. Ela foi financiada em grande parte pelo capital financeiro internacional. Isso permitiu que o comércio de exportação e posteriormente a produção de café fossem controladas pelo capital metropolitano internacional. Os investimentos na produção cafeeira foram tão intensos que se criou uma superprodução de café no território nacional. A pressão política do capital internacional levou o governo brasileiro a dar início à Política de Valorização do Café, onde o governo garantia a compra do excedente de café não comercializado. A produção de café passava a ser um negócio garantido.

O acúmulo de capital proveniente dessa política foi tão grande que, como consequência direta, parte desse capital foi utilizado no desenvolvimento industrial brasileiro. Esse desenvolvimento foi acentuado por ocasião da primeira guerra mundial. Nesse período a demanda mundial de café se reduziu muito enquanto a oferta de produtos importados necessários para o mercado interno também foi reduzida devido ao esforço de guerra. Para suprir essa demanda o Brasil promoveu o desenvolvimento de seu parque industrial através da política de substituição de importações.

No entanto, como já foi visto no caso chileno, recuperada da crise imposta pela guerra, a metrópole mundial voltou a estreitar as relações com o Brasil, o que começou a estrangular o desenvolvimento da indústria nacional. Posteriormente a crise da política de valorização do café acentuou ainda mais esse estrangulamento ao ter endividado o Brasil. Devido a esse endividamento o governo brasileiro teve que recorrer aos EUA por empréstimos o que elevou ainda mais seu caráter dependente em relação àquela nação, o que permitiu que seus capitais entrassem com mais facilidade na indústria brasileira nascente.

Los actuales inversionistas norteamericanos en las industrias de América del Sur son los gigantes más grandes de la industria mundial. Las inversiones industriales de Estados Unidos... son, sin embargo, directas y se originan en la busca de nuevos mundos que conquistar para la producción en serie ultramoderna. Aquí, por otra parte, no es el que financia, sino la corporación industrial la que organiza y dirige estos acontecimientos. En este sentido, pues, no podemos hablar del capitalismo puramente financiero de Estados Unidos. En total serán quizás treinta las grandes – mejor, enormes – corporaciones del mundo oficialmente domiciliadas en Estados Unidos, que dirigen que dirigen las inversiones industriales norteamericanas en América del Sur. La compañía sudamericana es, realmente, en este caso, una

prolongación local de la corporación progenitora y constituye un punto de expansión industrial de Estados Unidos en el extranjero.¹¹³

Quanto mais se incorporava o capital norteamericano à indústria brasileira, mais se fortalecia a polarização metrópole-satélite.

Com a crise de 1929, novamente relaxaram as relações capitalistas e o desenvolvimento industrial brasileiro viu novas perspectivas. A depressão reduziu a demanda mundial de café e novamente seus preços despencaram. A aproximação do governo Washington Luiz com os EUA levou o Brasil a medidas restritivas que afetaram fortemente a produção industrial. A situação estava piorando e só foi resolvida com a revolução de 1930 que colocou Getúlio Vargas no poder.

Vargas mudou a linha de ação do governo. Ao invés de utilizar capital estrangeiro para realizar a política de valorização do café, ele passou a utilizar capital nacional, o que incentivava a demanda agregada sem endividar o país no exterior. Ele também passou a adotar políticas protecionistas à indústria nacional. Essas mudanças políticas foram muito benéficas ao desenvolvimento industrial do Brasil. De fato a indústria brasileira cresceu 50% entre 1929 e 1937¹¹⁴. Esse aumento elevado se deu principalmente devido à utilização da capacidade ociosa da indústria já instalada e no fim da década de 1930 chegou a expandir essa capacidade através da importação de maquinaria ociosa nos países centrais.

Apesar de estar desenvolvendo sua indústria o satélite brasileiro ainda dependia da metrópole para adquirir bens de produção. Enquanto as nações desenvolvidas permitiam que os países periféricos produzissem bens de consumo, elas controlavam a tecnologia e a produção do maquinário necessário a eles. No entanto o desenvolvimento da indústria nacional se deu até o fim da segunda guerra e um pouco além (1951) quando novamente, se recuperando das sucessivas crises e guerras, as metrópoles capitalistas se reergueram e a retração econômica dos satélites reiniciou. Na mesma época Getúlio se suicidou cedendo às pressões direitistas e dos interesses internacionais.

Com a morte de Getúlio a política brasileira deixou mais evidentes os interesses imperialistas e as medidas políticas e econômicas que passaram a ser tomadas favoreciam descaradamente a indústria estrangeira em detrimento da indústria nacional. Essa situação permaneceu até 1961 quando Jânio Quadros assumiu o poder. Quadros passa a fazer uma política nacionalista de enfrentamento à satelitização ao romper com as metrópoles capitalistas e estreitar relações com os países socialistas a fim de aumentar a oportunidade de

¹¹³ NORMANTO, 1931, *apud ibidem*, Pág. 173.

¹¹⁴ FURTADO, 1959, *apud ibidem*, Pág. 176.

exportações brasileiras e reduzir a sua dependência em relação aos Estados Unidos. Devido a sua política, Quadros estava sofrendo muitas pressões de vários setores diferentes e na tentativa de trazer para si o apoio popular ele renunciou.

A aceitação da renúncia de Quadros colocaria como presidente o seu vice João Goulart (Jango). No entanto, grupos de interesses impediram sua ascensão ao poder que só ocorreu três anos depois. Nesse tempo a situação econômica brasileira se complicara. A dívida externa havia crescido assustadoramente e Jango sofria pressão de vários setores da burguesia nacional e do capital estrangeiro. Incapaz de enfrentar esses problemas Jango foi deposto e exilado; deu-se início ao governo militar ditatorial no Brasil.

O golpe militar teve o apoio das burguesias nacionais e internacionais e inclusive da classe média. O governo militar restaurou os laços com a metrópole norte-americana. Devido a essa reaproximação com o capital internacional, a burguesia nacional voltou a possuir um papel secundário no processo de acumulação de capital. Esse papel secundário reduziu os ganhos da burguesia que passou a aumentar o grau de exploração da classe trabalhadora para elevar as suas taxas de lucro.

Além de acentuar as relações metrópole-satélite, essa reaproximação acentuou também a polarização no interior do Brasil. A grande maioria dos investimentos e da renda produzida se concentrou na região sudeste, mais especificamente no estado de São Paulo. Essa polarização acentuou o subdesenvolvimento de regiões que já foram o centro da economia brasileira, como a região nordeste. Isso provocou sérios problemas sociais como as migrações internas para a região sudeste e o crescente êxodo rural, que incharam as grandes metrópoles do sudeste criando verdadeiros bolsões de pobreza nas periferias das cidades.

Desde então a tendência da economia brasileira é a de maior integração com a estrutura metrópole-satélite. Quanto maior essa integração, mais dependente a indústria brasileira fica da metrópole imperialista e o mesmo ocorre com a burguesia nacional. O desenvolvimento do capitalismo mundial impede cada vez mais a possibilidade do desenvolvimento da indústria nacional e por consequência de uma burguesia nacionalista¹¹⁵. Essa incapacidade de desvinculação do capital internacional leva o Brasil e as nações dependentes a uma espiral descendente de subdesenvolvimento e ao perpetuamento das relações de dependência.

¹¹⁵ *Ibidem*. Pág. 210.

4.2.2. O capitalismo tardio no Brasil: A interpretação de João Manuel

O subdesenvolvimento brasileiro pode ser percebido através do estudo do desenvolvimento das relações capitalistas no Brasil. O caráter de sua colonização e sua inserção no mercado internacional tem relação direta com a formação do Estado brasileiro e de suas oligarquias nacionais. As relações que aqui se desenvolveram foram condicionantes do atraso em seu desenvolvimento industrial e também do seu subdesenvolvimento.

A economia do Brasil colônia pode ser dividida em “dois setores: um exportador e um produtor de alimentos”¹¹⁶. O setor exportador é do latifúndio voltado para a exportação de produtos coloniais, já o produtor de alimentos é atrelado ao setor exportador já que pode ser utilizada parte da mão-de-obra do setor exportador em sua produção. Devido a esse caráter subalterno da produção de alimentos e ao caráter dependente da produção colonial em relação à metrópole, a economia colonial desenvolve a função de instrumento de acumulação primitiva de capital para a metrópole. Dessa forma, é vetada à colônia a possibilidade de desenvolvimento endógeno, “o movimento próprio da economia colonial foi-lhe retirado pela impossibilidade de acumular autonomamente ao se estabelecerem a apropriação e o controle do excedente pela burguesia comercial metropolitana”¹¹⁷.

Para promover a acumulação primitiva, a produção colonial deveria ser moldada de forma a não concorrer com os produtos da metrópole e ainda rebaixar ao máximo os custos de produção de forma a obter a maior taxa de lucro possível, já que o comércio colonial rebaixava os preços de venda da colônia e estabelecia preços elevadíssimos para a compra dos produtos da metrópole. Por isso foi adotado o trabalho escravo como o modelo de trabalho a ser empregado nessa produção, o trabalhador escravo requeria um investimento inicial elevado, mas baixo custo de subsistência, além de proporcionar novas oportunidades com o seu comércio e tráfico.

É justamente o emprego do trabalho escravo pelo capital internacional que caracteriza a produção colonial brasileira como capitalismo.

Há capitalismo, formalmente, porque o capital comercial invadiu a órbita da produção, estabelecendo a empresa colonial. Indo muito além do simples domínio

¹¹⁶ MELLO, João Manuel Cardoso de. **O capitalismo tardio**: contribuição a revisão crítica da formação e do desenvolvimento da economia brasileira. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. 182p. Pág. 36.

¹¹⁷ *Ibidem*. Pág. 41.

direto da produção, o capital subordina o trabalho e esta subordinação é formal, porque seu domínio exige formas de trabalho compulsório.¹¹⁸

O acúmulo de capital fornecido pela economia colonial permite o desenvolvimento do capitalismo nas metrópoles que culmina na revolução industrial. Esse desenvolvimento industrial já não requer mais a manutenção das relações coloniais, já que o desenvolvimento de forças produtivas capitalistas permite que o capitalismo se desenvolva por si.

Na verdade a fase industrial do capitalismo se opõe ao colonialismo. A busca por novos mercados e novas fontes de matéria prima exigia o fim do monopólio colonial e do trabalho escravo. As colônias se tornariam regiões produtoras de matérias primas necessárias à produção industrial e ao mesmo tempo mercados consumidores dos produtos industrializados. “A queda do ‘exclusivo metropolitano’ e a subsequente formação do Estado Nacional marcam, indiscutivelmente, o início da crise da economia colonial no Brasil”.¹¹⁹

A criação de uma demanda mundial de café cada vez mais elevada teve importantes impactos na economia mercantil brasileira. Uma quantidade de capital acumulado no tempo da colônia e disponível para o investimento e a criação de bancos como o Banco do Brasil, permitiu a formação de uma oligarquia agrária centrada na produção e exportação de café. O crescimento da demanda mundial foi tão bem suprido pelo Brasil que em 1830 o Brasil já era o maior produtor mundial de café.

Neste mesmo momento, a economia mercantil escravista cafeeira assumira seus traços definitivos: grande empresa produzindo em larga escala, apoiada no trabalho escravo, articulada a um sistema comercial-financeiro, controlados uma e outro, nacionalmente.¹²⁰

Pressões abolicionistas perseguiam, com cada vez mais frequência, os cafeicultores brasileiros juntamente com as seguidas baixas nos preços do café e forçavam a uma alternativa ao trabalho escravo. Para resolver essa questão a solução empregada foi a imigração européia. Custeada pelo estado de São Paulo, a imigração supriu as necessidades de trabalhadores nas lavouras de café e deu um passo importante em direção à abolição da escravidão. Com a adesão das camadas dominantes ao trabalho do imigrante a abolição se concretizou e em 1888 foi decretada a Lei Áurea. A lavoura de café foi reestruturada e a abolição da escravidão juntamente com o emprego do trabalho assalariado criaram uma demanda interna de bens de consumo que antes não existia.

¹¹⁸ *Ibidem.* Pág. 44.

¹¹⁹ *Ibidem.*, Pág. 53.

¹²⁰ *Ibidem.*, Pág. 57.

No entanto, essa demanda poderia diferir de acordo com a “função macroeconômica de produção do setor exportador, quer dizer, da combinação de fatores de produção adotada”¹²¹. Havia, agora, espaço para a absorção de uma produção industrial voltada a suprir as necessidades da classe trabalhadora empregada no setor exportador. No entanto, o fraco desenvolvimento industrial percebido até então no Brasil estava atrelado ao setor exportador e não à satisfação da demanda interna que passou a ser suprida com produtos importados. Apenas quando a produção internacional fosse comprometida por crises ou guerras é que haveria espaço para o desenvolvimento de uma indústria nacional voltada a substituir essa deficiência.

A industrialização por substituição de importações desencadeia-se, nos países mais importantes da América Latina, a partir da ruptura do ajuste *ex ante* entre uma estrutura de dual e uma estrutura de demanda global, provocada, de um lado, pela crise de 29, e, de outro, pela defesa do nível de renda, promovida, de uma ou de outra maneira, pela política econômica do Estado. Com isto, os preços relativos se alteram violentamente em favor da produção industrial interna, tornando excepcional a rentabilidade dos investimentos industriais¹²².

No entanto, esta industrialização está sujeita a condicionantes externos e restrita à própria limitação tecnológica. A produção internacional ou, pelo menos, seu fornecimento ao Brasil, deve estar comprometida para que a industrialização nacional possa se desenvolver; e mais, a indústria nacional está limitada ao mercado latinoamericano, pois para participar do mercado dos países desenvolvidos, ela deve se adequar aos níveis tecnológicos requeridos por aqueles mercados. A utilização de tecnologia importada na produção industrial causa outro problema. O emprego de maquinário moderno requer um investimento muito elevado e possui a característica de reduzir a necessidade de mão-de-obra conforme aumenta o capital investido. Isso cria uma redução no nível de emprego dentro do país.

Tudo isto revela claramente (...) a problemática da industrialização nacional a partir de uma situação periférica. Daí que o núcleo da questão da industrialização esteja centrado na oposição entre o desenvolvimento econômico da Nação e uma determinada divisão internacional do trabalho que a havia transformado em uma economia reflexa e dependente. Daí que a análise se apóie no setor externo, nos excessivos ajustes entre as estruturas de oferta e demanda globais, no desafio do estrangulamento externo a que a Nação responde com o crescimento industrial interno. **Daí não haver nem sombra de um esquema endógeno de acumulação de capital**¹²³.

¹²¹ *Ibidem.*, Pág. 89.

¹²² *Ibidem.*, Pág. 92.

¹²³ *Ibidem.*, Pág. 95. Grifos do autor.

O desenvolvimento capitalista na América Latina, em sua formação, não originou as forças produtivas características do capitalismo, isto é, a produção latinoamericana não estava assegurada internamente. Os bens de capital necessários à produção não eram produzidos aqui e a maior parte da produção era destinada ao mercado externo. Segundo MELLO (1991), a industrialização capitalista deve ser entendida como a **“constituição de um departamento de bens de produção capaz de permitir a autodeterminação do capital, vale dizer, de libertar a acumulação de quaisquer barreiras decorrentes da fragilidade da estrutura técnica do capital”**¹²⁴.

No caso brasileiro, as bases para o desenvolvimento industrial só surgiram com a economia cafeeira. É ela quem gera a acumulação de capital necessária para o desenvolvimento da grande indústria, que transfere parte de sua mão-de-obra para esse novo setor da economia e que cria um mercado interno para esses produtos¹²⁵.

O período que se estende de 1888 a 1933 marca, portanto, o momento de nascimento e consolidação do capital industrial. Mais que isto, o intenso desenvolvimento do capital cafeeiro gestou as condições de sua negação, ao engendrar os pré-requisitos fundamentais para que a economia brasileira pudesse responder criativamente à “Crise de 29”. De um lado, constituem-se uma agricultura mercantil de alimentos e uma indústria de bens de consumo assalariado capazes de, ao se expandirem, reproduzir ampliadamente a massa de força de trabalho oferecida no mercado de trabalho, que já possuía dimensões significativas; de outro, forma-se um núcleo de indústrias leves de bens de produção (**pequena** indústria do aço, cimento, etc.) e, também, uma agricultura mercantil de matérias-primas que, ao crescerem, ensejariam a reprodução ampliada de fração do capital constante sem apelo às importações.¹²⁶

Em outras palavras, foi a burguesia cafeeira que, no auge de suas exportações, através do emprego do capital cafeeiro tanto na produção agrícola quanto nos empreendimentos comerciais e bancários, quem criou as bases para a formação da indústria nacional.

Portanto, o desenvolvimento industrial latinoamericano possui duas características fundamentais que o qualificam como tardio, são elas: ter sido originado por economias exportadoras; e ter se formado em um momento em que a economia mundial capitalista já havia se consolidado através dos grandes monopólios internacionais.

No entanto, a argumentação de Frank supera a de João Manuel ao atribuir ao Brasil o caráter de promotor do desenvolvimento capitalista europeu e posteriormente do norteamericano. É claro que, como afirma João Manuel, é devido a seu caráter exportador. Mas mais do que isso, para Frank, o Brasil justamente possuiu por tanto tempo, e ainda

¹²⁴ *Ibidem.*, Pág. 97. Grifos do autor.

¹²⁵ *Ibidem.*, Pág. 99.

¹²⁶ *Ibidem.*, Pág. 109. Grifos do autor.

possui, esse caráter exportador justamente para permitir aos países centrais da economia capitalista o nível de desenvolvimento e de riqueza de que foram, e ainda são, capazes de auferir.

4.3. Conclusão parcial

As relações imperialistas no Chile se agravaram com a chegada do capital inglês e, posteriormente, com a chegada do capital norte-americano. A inserção desses capitais na economia chilena controlou rapidamente as principais fontes de recursos do país. Esse controle aumentou a exploração do trabalho através de práticas servis e da superexploração da força de trabalho pela extração de mais-valia absoluta.

A burguesia chilena rapidamente se incorporou ao imperialismo e através de sua influência no governo pressionou a aprovação de medidas que beneficiassem o capital internacional em detrimento do capital chileno. Percebe-se aqui mais uma forma de atuação direta do imperialismo na economia de uma nação independente.

No caso brasileiro, o desenvolvimento colonial promoveu, desde suas origens, o desenvolvimento das relações capitalistas. O simples fato de o Brasil ter sido colonizado para satisfazer as necessidades de matéria-prima e de mercado dos países que estavam se preparando para fazer a revolução industrial já caracteriza sua inserção no mercado capitalista, ainda que não existissem relações capitalistas bem desenvolvidas internamente. Justamente o fato de fazer parte do sistema capitalista mundial sem ter as relações capitalistas bem desenvolvidas é que fará com que o Brasil ocupe o lugar de satélite na economia capitalista global.

O desenvolvimento industrial no Brasil só foi possível por dois fatores que combinaram no momento certo. A burguesia cafeeira, apesar de ter grande parte de seu excedente expropriado pelo capital internacional, conseguiu acumular uma quantidade considerável que estava disponível internamente nos bancos e no sistema financeiro. Os mercados internacionais em tempos de crise relaxam sua preocupação com a periferia e reduzem a oferta de bens devido ao esforço de guerra ou à depressão econômica pela qual estão passando. Nesses momentos, como no caso da crise de 1929, a demanda brasileira por produtos industrializados não estava sendo suprida e houve espaço para que a burguesia

brasileira suprisse essa deficiência através do investimento daquele capital ocioso em uma indústria nacional que viesse a suprir essa demanda.

No entanto, tão logo as nações desenvolvidas se recuperem de suas crises ou se reergam de suas guerras, elas retomam o seu papel na economia capitalista internacional e os satélites que haviam experimentado certo grau de desenvolvimento industrial vêem sua indústria regredir e seu mercado ser retomado pelas empresas internacionais. As burguesias nacionais não conseguem fazer frente à pressão internacional e acabam se voltando a atividades menos lucrativas e complementares às das empresas estrangeiras. Logo, na periferia do sistema capitalista, e no Brasil não poderia ser diferente, os países só conseguem perceber certo desenvolvimento quando os países desenvolvidos estão passando por algum tipo de crise.

Fica claro que os interesses imperialistas e a concorrência interimperialista impedem e até mesmo prejudicam o desenvolvimento das nações dependentes. Essas nações não possuem alternativa a não ser aceitar a intervenção do capital monopolista internacional já que elas, por si só, como integrantes do capitalismo mundial, não podem fazer frente ao poder dos países desenvolvidos, seja politicamente ou militarmente. A única saída para os dependentes é o rompimento com as relações capitalistas e por fim com o capitalismo em si.

5. CONCLUSÃO

O desenvolvimento técnico e produtivo dos países centrais lhes permitiu acelerar de maneira jamais vista até então a velocidade com que os capitalistas destes países produziam e acumulavam riquezas. Essa enorme extração de mais-valia associada à desigualdade na distribuição da renda levou nesses países a um acúmulo excessivo de capital. Esse acúmulo encontrou rapidamente respaldo na enorme quantidade de fusões e aquisições que se propagaram por toda economia desenvolvida.

O resultado do processo de fusões e aquisições foi uma concentração ainda maior da riqueza através do surgimento de enormes grupos monopolistas. Esses grupos controlavam mercados, possuíam um contingente enorme de capital pronto para ser investido e possuíam enorme influência política em seus países de origem e fora deles. O mercado interno já não era suficiente para absorver essa enorme capacidade produtiva, a única saída era procurar em outros mercados onde escoar esse excedente.

Utilizando-se de sua influência política, os grandes monopólios convenceram suas nações a expandir seus mercados para além de suas fronteiras, foi aí que começou a disputa inter-imperialista pelo mundo. Através da criação de colônias na América, Ásia e África o imperialismo encontrou mercado para seus produtos, matéria-prima para sua produção e investimento para seu excesso de capital.

As economias coloniais foram se formando e as populações foram crescendo. No entanto, o interesse imperialista nas colônias era meramente econômico, salvo raras exceções, nunca houve a intenção de promover lá sistemas de governo como os dos países centrais da economia capitalista. Essas economias eram apenas plataformas de transferência de riquezas para os países desenvolvidos.

Essa transferência se dá através do sistema de trocas desiguais. A estrutura metrópole-satélite obriga os satélites a produzir produtos primários e alimentos o que aumenta a oferta mundial desses produtos e reduz seu preço no mercado internacional – além de permitir que o custo de reprodução da classe trabalhadora nos países desenvolvidos seja reduzido, o que amplia a taxa de mais-valia extraída pelos capitalistas desses países, já que os preços das mercadorias industrializadas tendem a sofrer poucas variações –, como os preços dos produtos industrializados permanecem constantes, são necessários mais alimentos para se obter a mesma quantidade de produtos industrializados.

Logo, tem-se que, pelo fato das economias periféricas atuarem como produtoras de alimentos e matérias-primas para as economias centrais, aquelas acabam, involuntariamente, transferindo grande parte de seu excedente às nações imperialistas, causando enormes problemas sociais nos países satélite.

Esses problemas sociais causados pelas trocas desiguais se dão porque as burguesias dos países latinoamericanos tentam compensar suas perdas através da superexploração da força de trabalho. Essa superexploração assume uma forma particular na América Latina: são utilizadas, ao mesmo tempo, a mais-valia relativa, a mais-valia absoluta e a remuneração da classe trabalhadora abaixo do necessário para sua subsistência.

Isso coloca as populações das economias periféricas em uma espiral descendente de pobreza, já que quanto maior a perda com as trocas desiguais, maior vai ser a tendência das burguesias latinoamericanas em compensar essa perda e, portanto, maior será a quantidade de alimentos produzida que por sua vez reduzirá o preço dos alimentos, que aumentará as transferências com as trocas desiguais e a quantidade de produtos primários para se obter a mesma quantidade de produtos industrializados e, junto com tudo isso, a exploração cada vez mais intensa da força de trabalho.

A burguesia latinoamericana se desenvolveu a partir do sistema colonial. Ela é uma classe que desde sua origem não possui identidade com o povo latinoamericano. Desde sua formação ela produz para o mercado externo e do mercado externo vêm os produtos que ela consome. Pelo fato dos trabalhadores de suas fábricas não consumirem seus produtos, ela superexplora a classe trabalhadora sem prejuízo na demanda por seus produtos. Sua incapacidade em fazer frente ao capital internacional a relega a um papel secundário na produção industrial e sua dependência de tecnologia estrangeira a deixa sempre um passo atrás no processo de acumulação de capital.

Como pôde ser visto através do exemplo do caso chileno, as forças imperialistas atuam nas economias dependentes de forma a controlar todo o processo produtivo. Elas possuem força política através das oligarquias locais, como a burguesia e os latifundiários, para impor sua vontade e para impedir qualquer tentativa de enfrentamento contra as diretrizes por elas impostas.

Quando algo vai de encontro aos interesses imperialistas eles valem das mais diferentes artimanhas para fazer valer a sua vontade, desde incitar golpes de Estado até a intervir militarmente através da guerra.

A única solução para o problema do subdesenvolvimento e da dependência latinoamericanos é o rompimento das relações de produção capitalistas. Só assim os países da

periferia poderão se livrar da espiral descendente de pobreza na qual foram inseridos. Qualquer solução dentro do sistema de produção capitalista virá apenas fortalecer as relações de dependência e legitimar ainda mais a exploração dos países subdesenvolvidos pelos desenvolvidos.

REFERÊNCIAS

BUKHARIN, Nicolai Ivanovitch. **A economia mundial e o Imperialismo:** esboço econômico. 3a ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988. 164p.

DORFMAN, Ariel; MATLEART, Armand. **Para ler o Pato Donald:** comunicação de massa e colonialismo. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. 135p.

FRANK, Andre Gunder. ***America Latina: subdesarrollo o revolucion.*** Buenos Aires: Era, 1976. 357p.

FRANK, Andre Gunder. ***Capitalismo y subdesarrollo en America Latina.*** 5. ed. Mexico: Siglo Veintiuno, 1978. 345p.

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. **Quinhentos anos de periferia:** uma contribuição ao estudo da política internacional. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Rio de Janeiro: Contraponto, 1999. 166p.

HOBSON, J. A. ***Estudio del Imperialismo.*** Madrid: Alianza Editorial, 1981. 343p.

KOSIK, Karel. **Dialetica do concreto.** 2a ed Rio de Janeiro: Paz e terra, 1976. 230p.

LÊNIN, Vladimir Ilitch. **O imperialismo:** fase superior do capitalismo. 4a ed. São Paulo: Global, 1987. 127p.

MARINI, R. M. **Dialética da Dependência.** Petrópolis: Editora Vozes; Buenos Aires: CLACSO, 2000. 165p.

MELLO, João Manuel Cardoso de. **O capitalismo tardio:** contribuição a revisão crítica da formação e do desenvolvimento da economia brasileira. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. 182p.

VITALE, Luis. ***Interpretación Marxista de la História de Chile: De semicolonía inglesa a semicolonía norteamericana (1891-1970).*** Barcelona: Editorial Fontamara, 1980, 224p.